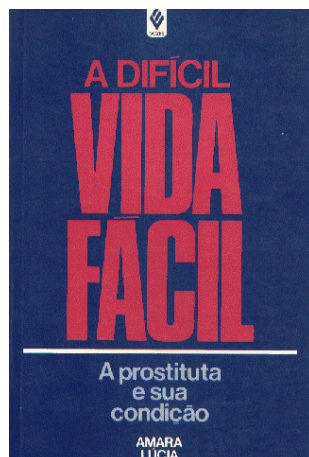




A DIFÍCIL VIDA FÁCIL

A PROSTITUTA E SUA CONDIÇÃO

Amara Lúcia

Vozes
Petrópolis
1984



A meus filhos, meus pais, à Dra. Acácia Maria Santos de Meneses, ao Prof. Raimundo Teles de Meneses Neto, ao Comte. Naaman de Souza Figueiredo.

Em especial:

Aos médiocres de espírito que fizeram o possível e o impossível para boicotar a publicação deste livro.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Entrevista de D. Rose Marie Muraro com a Autora

I. Última travessia em busca do recesso
II. Primeiro salto nas ondas da Rio Branco

III. Dócil assalto à imaginação

IV. Cartão de visita

V. O encontro

VI. Viagem. através do expresso mental

VII. A exceção grega e o rapaz do conto

VIII. O cotidiano

IX. A infância na zona

X. Por que as prostitutas estão se multinacionalizando

XI. Impressões

XII. Pesquisa vivida

XIII. Bet

XIV. Marinhas de guerra: Marias em festa

XV. Análise de locais

XVI. Ladrões e opiniões

XVII. A crise econômica na zona

XVIII. O desembarcado

XIX. O caso dos cigarros russos

XX. O alemão Heinz

XXI. Percentuais

XXII. Previdência organizada

XXIII. Para não pensarem que foi somente isso

XXIV. Último mergulho na Rio Branco

APRESENTAÇÃO

(Entrevista de D. Rose Marie Muraro com a Autora)

R. Conta primeiro um pouco de sua vida antes. O que você fazia?

A. Era em casa, com meus pais adotivos, eu moro com eles.

R. Você é uma pessoa de classe média, não é?

A. Classe média. Fui professora primária. Depois fiz Pedagogia. Mas vi que minha opção tinha sido errada na Faculdade. Aí abandonei a Faculdade, me dediquei à Literatura.

R. E aí?

A. Fiquei em casa, dando assistência aos velhos, aos filhos.

R. Como você vivia?

A. Como ainda vivo hoje. Sendo uma vida com meus pais.

R. Você foi casada, não?

A. Fui.

R. Separou depois de quantos anos?

A. Fui casada duas vezes. Me separei a primeira vez, após 5 anos e meio.

R. Teve filhos?

A. Tive, do primeiro matrimônio. Três.

R. Do segundo não teve?

A. Do segundo não. O segundo foi um casamento que não é nem válido pra sociedade, porque foi um casamento na Igreja Brasileira. Mas como era para os filhos participarem de uma coisa mais sadia, então resolvemos nos casar na Igreja.

R. Quanto tempo durou?

A. Durou dois anos.

R. E foi depois que você se separou dele?

A. Logo depois, não.

R. Estava casada, quando fez esse tipo de experiência?

A. Não, não estava, não. Já estava morando com os velhos.

R. E como é que eles encararam essa experiência?

A. Ah! foi com medo. Nossa! De princípio não se podia nem falar. Mencionar o nome da Avenida Rio Branco aqui em casa era o mesmo que um sacrilégio. Então eu fui. E no quarto dia me dei conta de que ali tinha material para fazer um trabalho. Aí eu resolvi dizer a eles.

R. E daí?

A. Quando eu disse a eles, disseram que era loucura, que eu ia me arriscar, que isso não dava certo. Eu disse que não adiantava, que eu não ia perder a riqueza do material que tinha ali.

R. E daí?

A. E aí, eles terminaram concordando. E eles sabem que eu vivo mais pra escrever.

R. E você ficou quanto tempo?

A. Seis meses. De junho a dezembro de 1981.

R. E seus filhos, como é que vêem?

A. Ah! Se não fossem eles, principalmente minha filha, eu não tinha terminado esse livro. De uma certa forma eu expliquei a eles onde trabalhava, com raridade. Mas não podia, ao mesmo tempo, dizer tudo. Então disse a eles que estava escrevendo um livro e precisava trabalhar nesse local, que era um local não muito bom. Era boate. E para não explicar nos mínimos detalhes, eu disse a eles: tem uma porção de moças lá, as moças estão dançando, outras estão sentadas às mesas. Vão os homens. Alguns vão acompanhados, os outros vão sozinhos. Então, os que estão sozinhos, eles chamam uma de nós pra fazer companhia a eles. Mas para explicar o dinheiro que eu trazia pra casa, aí eu tive que contar assim, também para não violentar a infância deles: Então quando eles conversam com a gente e a nossa conversa agrada, eles dão dinheiro à gente. Também quando não agrada eles não dão dinheiro. Por isso que nem todo dia mamãe traz dinheiro pra casa.

R. E quantos anos tinham as crianças?

A. Isso em 81, a Tânia (vai fazer 9) tinha 7, 5 e 4. A Tânia dizia: “Mãe termina logo esse livro pra dormir com a gente em casa. Quando acabar ele, não faz outro fora de casa, não”. Isso é o que chamo incentivo partindo da inocência.

R. Você quer pôr seu nome verdadeiro no livro?

A. Ah! lógico. Eu não tenho vergonha do que eu fiz. Pelo contrário. Acho que se eu tivesse paciência, eu teria feito um trabalho bem melhor. Colocar um pseudônimo seria negar tudo.

R. Que trabalho você fez lá?

A. Que trabalho eu fiz lá? Olha eu acho, eu tenho certeza que o trabalho que eu fiz lá foi muito importante. Porque eu vivi a olho nu, de corpo e alma, comportamento e atitudes dos homens que procuram as prostitutas, como eles tratam elas, a ansiedade delas. Eu, com este livro, não sou contra as prostitutas, não. É contra o sistema que induz a mulher a se prostituir.

R. E o que você achou desses homens?

A. Desses homens?

R. O que lhe veio à cabeça? O que você pensava?

A. No geral deles, são mais perdidos do que elas lá dentro. Porque eles vão para usá-las.

R. Eles vão procurar o quê?

A. Eles vão procurar, muitos vão devido à curiosidade, isso é a mínima parte. A mínima parte vai no baixo meretrício por uma questão de curiosidade.

R. E a maioria?

A. A maioria vai pra quebrar a rotina. Aliás, outra parte, que é em grande escala, vai pra quebrar a rotina da vida sexual deles. Em casa a esposa só quer saber daquela posição papai mamãe, se priva dos prazeres sexuais e induz o marido a procurar outras, que levam até o sustento dela. E a maioria dos homens vão pra usar mesmo a prostituta.

R. O que você chama de usar?

A. O que eu chamo de usar? Usar, para mim, é violar não só o corpo, mas até a alma. Isso é comumente ali, sabe? Mas da mesma maneira também não há santidade lá. Porque na mesma medida que eles usam nas, de uma certa forma eles também são usados, pelas más experiências, sabe? Uma coisa que mais me doía na prostituição, quando eu estava ali, naquele reduto, era quando chegavam adolescentes. Eu fazia questão de ficar com aqueles garotos. Porque elas ridicularizavam os adolescentes. Na expressão vulgar, empírica mesmo, os chamam de “quejudos”: “Chegaram os quejudos”. Esses “quejudos” é que são levados por pais, por amigos, parentes; então esses rapazes vão para ter a primeira relação sexual, uma coisa importantíssima. Eu acho muito mais importante para o homem a primeira relação sexual do que para a mulher. Porque nós mulheres temos mil e uma

condições de nos recuperar, se houve um trauma na primeira relação. Mas o homem não, a primeira relação, aquilo o marca profundamente. E as prostitutas começam a rir deles desde que eles começam a adúlá-las, aumentando o michê, e no quarto imagine lá a desgraça que é. Claro que não são todas. Mas a maioria... Isso me dói muito, porque se os pais em casa fossem conscientizados realmente para uma educação sexual tranquila, sadia, não precisava esses garotos ir até o baixo meretrício. E sofrer a decepção primeira, que sofrem, que deixa marcas profundas para o resto da vida de homem deles. Isso era uma grande preocupação minha, lá. A iniciação sexual do homem lá.

R. E, portanto, das mulheres deles...

A. Inclusive quando eu iniciava alguém na sexualidade, eu jamais recebia pagamento. No início já dizia tudo, quanto é, acertava o preço lá, mas na hora de receber eu não recebia, porque era totalmente contra os meus princípios. Aquilo era uma coisa maravilhosa que eu estava fazendo, iniciando alguém na vida sexual.

R. Por que você acha que eles não têm possibilidade de se recuperar desses traumas?

A. Os homens? Pelo seguinte. Porque a mulher, ela sofre a primeira decepção amorosa. Então, o segundo, ela já tem Michê: o preço pago à prostituta. uma esperança, ela já guarda ela mesma uma esperança de que não vai sofrer aquilo novamente. Mas o homem não. Está danado. Sofreu a primeira decepção com uma mulher, as outras são piores do que a primeira.

R. Você viu assim?

A. Vi. Vi e continuo vendo assim. Por isso que eu acho que a primeira relação sexual é muito mais importante para o homem.

R. Então tudo bem. Outra coisa. Você esteve na zona de meretrício só em Recife ou em outra cidade?

A. Recife, Salvador e Rio de Janeiro.

R. Nos seis meses?

A. Nos seis meses.

R. O que você achou de Salvador?

A. Salvador mais ameno do que aqui, em matéria de agressividade. Tanto do homem para elas, quanto delas para as próprias colegas da vida.

R. Por quê?

A. Porque aqui há agressividade.

R. Mas por que Salvador é menos agressivo?

A. Acho que o povo lá vive mais tranqüilo, sob um clima de confiança nas pessoas, nos semelhantes. E aqui a gente não vê isso.

R. E no Rio?

A. No Rio, a barra é mais pesada.

R. Mais agressividade que em Recife?

A. Não só agressividade, como egoísmo. Mais egoísmo.

R. Mais a lei do cão?

A. Mais a lei do cão.

R. Você acha que em São Paulo é pior?

A. Segundo o que elas disseram foi algo que não me passou nem pela cabeça ainda. Porque lá, elas me falaram, é bem pior, porque lá já não se parte para o homem simples.

R. Então, na medida em que o centro é mais avançado, você encontra uma maior desumanidade?

A. Exato.

R. E você tinha me falado num negócio muito interessante. Qual a relação da prostituta com a polícia?

A. Nos três centros?

R. É.

A. Olha, pelo que eu vi e elas contaram, aqui em Recife a prostituta só tem valor se for ladra.

R. Por quê?

A. Porque na hora de entrar no xadrez, ela dá do que sobrou para o guarda, pra o policial.

R. E as outras são autuadas...

A. As que são honestas não valem nada pra eles. No Rio então a relação da polícia com a prostituta é bem pior. Porque chega ao ponto de a prostituta... Eu mesmo fui prevenida quando cheguei lá. E eu agradeço até demais o que a prostituta fez por mim. Porque ela me falou: “Olha, você puxa maconha?”, então eu disse: “Não”. “Então você tem cuidado porque policial aqui ele só quer transar, ele só quer mesmo

ir pra cama de graça: Se você não aceita, daí a poucos instantes você é autuada em flagrante com a maconha no bolso, mesmo sem você puxar fumo. Toma cuidado com os bolsos das calças. Quando um policial se aproximar de você, você vai logo pondo a mão nos bolsos das calças, porque facilitou, maconha entra no bolso sem você perceber. E daí você não vai dormir só com ele não. No xadrez você vai meter com mais de três sem ninguém pagar”. Quer dizer, lá é bem pior. Já em Salvador, eu não notei nada disso. É como eu disse antes. Me parece, a olho nu, que em Salvador se goza de um clima mais tranquilo em matéria de confiança ao semelhante.

R. E a relação das pessoas com a prostituição, das famílias, da sociedade toda? O que você nota? Como tratam a prostituta, aqui, em Salvador e no Rio?

A. Eles tratam com um desconhecimento total do que a prostituta realmente é. Porque eles apontam a prostituta: é o cão, é satanás. Só esse nome pra família... a prostituta é isso. Mas, no entanto, se esquece que a prostituta inicia também um membro da família. Desconhecem a necessidade que a prostituta tem, desconhecem a doença que a prostituta tem, que não é só gonorréia. A doença que a prostituta tem maior é a doença mental: não perceber onde está, a que ponto chegou. Porque há muitas mulheres que estão na prostituição sem ter necessidade financeira. Então aí já é a doença mental.

R. Por que elas estão na prostituição?

A. Sem ter necessidade financeira? A meu ver é porque têm algum desvio mental. Aí já entraria, para acabar com a prostituição, grupos de psiquiatras, grupos de psicólogos que estabelecessem cruzadas. As que têm necessidade financeira já se ia entrar com um plano de mercado de trabalho, descobrir as aptidões para que elas trabalhassem e abrir mesmo o mercado de trabalho para elas. Mas as que não têm necessidade financeira de continuar, estão precisando de tratamento.

R. A maioria delas entrou para a prostituição por necessidade financeira ou não?

A. A grande maioria foi induzida. Outra parte, necessidade financeira. Outra parte, compensação salarial.

R. Que quer dizer isso. Eram empregadas domésticas?

A. Não, existem bancárias que são prostitutas, existem enfermeiras que são prostitutas. Mas entra na faixa da compensação salarial. O que ganha no emprego não dá...

R. As que foram induzidas, como é, vieram jovens?

A. As que foram induzidas, muitas vêm do interior sabendo que vai trabalhar. Aí entra aquele negócio de tráfico de escravas brancas. Quando chega aqui, não é nada de trabalho.

R. Vai gente no interior aliciar jovens?

A. Vão.

R. Onde?

A. Pelo interior da Paraíba, na cidade de Souza, vão buscar ali mulheres. Pelas bandas do Nordeste. Principalmente as donas de cabaré que vão com carros buscá-las lá.

R. E que mulheres elas buscam, se essas mulheres são tão presas pela família?

A. Não, aquelas ali já são as que não estão mais gozando da confiança pai filho. E além de não gozar da confiança pai-filho, a fome em casa está na goela, e se abrir a boca só vomita mesmo a saliva. Então a dona do cabaré chega: “Olhe, eu tenho um emprego pra você. Você vai pra lá, eu tenho um bar lá. Você vai lá e fica atendendo no bar. No meio do caminho: “Mas eu não tenho roupa”. Não tem nada não. Eu te ajeito roupa. Te dou roupa, sapato. Você não vai gastar nada, não”. No meio do caminho a dona do cabaré vai dizer o que ela vai fazer. A essas alturas ela já sabe que a menina é mulher. Já vai dizendo o que ela vai fazer: “Mas você vai ganhar muita coisa: jantares, bebidas boas, você vai conhecer lugares bons, você vai sair dessa miséria”. E a moça vem, encantadinha, né?

R. E essas mulheres elas estão decepcionadas? O que elas queriam, acharam? Ou não estão decepcionadas?

A. Algumas estão decepcionadas, e outras... As que estão decepcionadas é o número mínimo possível. E as outras viciaram.

R. Elas gostam de fazer sexo?

A. Viciaram, gostam.

R. Gostam?

A. E outra parte, nesse ínterim, já no cabaré, procuram emprego. Lê os classificados ali, e na segunda feira vai. No trabalho falam: “Querem? Batem aqui”. Olhe, a mulher do campo com fome, com sede e nua. Vem com pouco dinheiro, quando vem só. Aí estou explicando quando vem só: “Vou fazer uma coisa, o negócio apertou, vou me embora pra capital”. Chega aqui, quer trabalhar, bem honesta, muitas vezes até bicho cabaço(!).

R. E aí?

A. Quando chega aqui, quer trabalhar. Ninguém quer empregada de porta. Nas agências querem o quê? Experiência. O dinheiro que ela trouxe do interior, que economizou vai acabando. Vai se acabando, então ela não tem mais onde comer, não

tem conhecidos na cidade. Aí, no caso aqui da cidade de Recife, atravessa a ponte, bate na Av. Rio Branco. A Av. Rio Branco tem cabarés – olha lá que não estou fazendo propaganda deles não – que quando dá uma hora da manhã, dão um prato de macarronada com dois ovos e queijo, uma macarronada muito da succulenta, dá refrigerante e dose pra beber até uma certa hora. No outro dia já é um cardápio variado. O sistema de cabaré é incrível, é um cardápio até variado, nesse ponto. No outro dia já é um prato de sopa com verduras e tudo, succulento. Quer dizer que aí a mulher não está passando fome: prato de sopa e 2 pães. E já transou com alguém e está com dinheiro no bolso, mas chega ao ponto, e ela continua, e ela começa a se iludir que aquilo ali é bom. Mas os cabarés dão o quê? Dão comida, dão bebida. E os cremes vaginais, eles dão? Não. Os antissépticos eles dão? Não. Uma garrafa de vinagre numa bacia com água eles dão com uma ducha? Seria o mais barato pra eles no caso. Não. Além de tudo, umas duas semanas ela está infestada: gonorréia, cancro mole, blenorragia, e o que há de danado por lá. Por aí eu tiro: eu, eu, quando vi mesmo que tinha necessidade de ficar, necessidade literária – é bom frisar isso – eu fui num ginecologista: “Olha lá, doutor, eu quero me abastecer, estou num ambiente assim, assim, quero me abastecer”. Era uma porrada de dinheiro que eu gastava de creme vaginal, creme antisséptico, lavagem, tudinho, e consegui contrair uma blenorragia. E na época que eu contrái, quase que endoido dentro desta casa. Mas como é que pode, eu me cuidando tanto? E olha que eu selecionava os homens. E elas que não selecionam. Como não estavam?

R. E o futuro dessas prostitutas? Então vai assim, elas logo ficam doentes? Quanto tempo duram como prostitutas?

A. Nos cabarés, no centro da cidade, é que elas são mais relaxadas ainda quanto à saúde íntima delas. Achei isso um negócio incrível. Porque as prostitutas dos cabarés do centro, elas mesmas temem ir para a Av. Rio Branco. No entanto, na Av. Rio Branco há menos índice de doenças venéreas.

R. Então ela pega doença venérea, todas pegam, e como é o futuro delas quando elas envelhecem? Elas envelhecem na prostituição, como é que é?

A. Tem algumas. Em todo lugar tem alguém inteligente, não é? As mais inteligentes são aquelas que conseguem guardar alguma coisa em caderneta de poupança.

R. E as que não conseguem?

A. As que não conseguem vão se acabando ali.

R. Quanto tempo duram?

A. Depende, porque lá mesmo tem uma que tem dez anos de zona e tá novinha, novinha. E é uma mulher de força de vontade, que era viciada em tóxico. Deixou porque quis e tem caderneta de poupança. Aquela ali já sabe que quando não der

mais pra trepar, aí já vai viver do lucro que a poupança deu. Mas aí que eu digo, que o mau do brasileiro é a acomodação. Porque ela ainda está nova, mas no caso dela, ela viciou-se.

R. Elas são casadas, não têm filhos?

A. Algumas têm filhos, a maioria tem filhos, a maioria tem filhas, tem mãe doente, tia doente, é o que sai da boca delas, mãe doente, tia doente.

R. E homens, relação com os homens, cafetão, por exemplo, todas têm cafetão?

A. Não, não tem não, aqui não. Aqui é um mínimo as que têm cafetão. Já no Rio não é nem mais cafetão. No Rio tem que se ter um costa quente. Que a barra é tão pesada lá que tem se que dizer que se tem um homem, e tem se que andar com um homem perto, mesmo que ele não seja nada dela, mesmo que ele não meta com ela, mas que paga ele pra ele ser a segurança dela.

R. E a vida afetiva delas, como é?

A. Violada. Coração ali é enfeite de gargantilha. A sirene do cabaré toca quando dá nove horas, dizendo que ele abriu. Quem estiver sentada nos vales, as meretrizes que estiverem sentadas já se levantam e vão a caminho, mas se soar o toque da alvorada, duvido que ali alguém desperte, tão viciados estão.

R. Viciados em que, trepar? E elas têm orgasmo?

A. Se elas têm orgasmo? Aí eu não sei, pelo seguinte, porque eu nunca estabeleci relação de amizade. Eu evitava o máximo, pelo seguinte: primeiro, elas não confiam em ninguém, não iam se abrir. No começo tentei, mas quando vi que a desconfiança era porta estandarte dali, o jeito que tinha era viver pra saber.

R. E você tinha orgasmo?

A. Tinha, mas numa média era a seguinte: Eu transando oito, eu tendo oito relações, eu tinha dois orgasmos.

R. Por dia?

A. Por noite. Mas isso tornou-se pouco, em virtude, quando tinha força tarefa atracada. Quando tinha força tarefa atracada, chegava ter 20, 15 relações, 18, porque o negócio estava tão mecânico que era só deitar, abrir as pernas e eles entravam, e no caso bons estrangeiros. E eles queriam só isso, queriam expelir o sêmen, agarravam enquanto estavam ali. Expeliu o sêmen, pagou, ia embora, pra dançar, pra beber. Então eu tinha o restante do tempo pra transar com os outros, pra encher os bolsos de dinheiro.

R. Então homens e mulheres, todos, tinham doença venérea nessa área?

A. Não sei. Olhe, nada dos outros eu sei, além do que eles sentem, assim fisicamente.

R. É o homem que transmite doença venérea à prostituta! E a prostituta transmite ao homem, é claro.

A. E muitas vezes a esposa é quem transmite para o homem, que transmite para a prostituta que está sadia, porque a esposa tem vergonha de ir para o ginecologista fazer um exame interno e está cheia de tricomona e muitas vezes está até com gonococos e não sabe. E o marido quando contrai, crente que foi com a prostituta com que transou, às vezes a infeliz estava até ilesa, impune mesmo.

R. Mas a esposa contrai, então, com outro homem. Se transmite ao marido, contraiu com quem?

A. Não sei. Pode ser com ele mesmo se ela for amantíssima.

R. Ou com outro homem.

A. Ou com outro homem.

R. Que loucura!

A. Que loucura! É um poço fundo.

R. E no Rio com relação à prostituição, qual é a atitude das pessoas?

A. Fiquei pouco, pouquíssimo tempo.

R. Você se hospedava aonde?

A. Ali na praça Mauá.

R. Hotel?

A. É, hotel. Inclusive quando cheguei lá, até a mulher, perguntei a uma delas onde é que tinha hotel, um lugar onde pudesse descansar, sossegada, ela disse: “Olha, eu moro ali, é ali”. Foi essa que me preveniu da maconha. E abriu assim o bolso e tirou três mil e quinhentos cruzeiros e disse: “Você veio de onde?” Eu disse: “De Recife”. Ela disse: “Toma lá, pra tua diária”. Eu disse: “Não, eu tenho”. “Não, mas você vai poder precisar, fica com isso, de noite eu te encontro lá no Flórida”.

R. Você devolveu o dinheiro pra ela?

A. Claro. Na hora não, porque ela: “Não, fica, você vai precisar”. No outro dia procurei saber o quarto dela no hotel. Bati, devolvi o dinheiro. Acho que ela não esperava receber o dinheiro. Foi aquele mesmo. “Não faz isso. Você veio de onde?” “Vim de Cabrobó”. “Ah!, você veio de Cabrobó. Aí é que bota mesmo a infeliz pra conhecer o pior – até rimou! Vem de Cabrobó, vai logo conhecendo o pior.

Nenhuma delas conta o que é a zona, como é o ponto, o cartão de visita. Aqui você vai comer bem, aqui você vai ganhar dinheiro. E ganha, engorda”. Entrei com trinta e nove quilos e saí com 47. Comia bem, bebia bem, tudo. E sustentei parte de minha família com dinheiro do meretrício, lá. Pra você fazer idéia como era o negócio. E eu selecionava. Quer dizer que elas que não selecionam ganham mais. Mas ninguém... mas ninguém se iluda com isso, não, porque há época de crise econômica na zona. É uma loucura.

R. Agora?

A. E quando há crise econômica, é a coisa mais triste. Não é tão triste pra elas, quanto é triste para a infância que há dentro da zona. Porque é uma infância não prostituída, uma infância trabalhista, existe esse termo? Uma infância trabalhista, aqueles garotos que vendem amendoim, pra sustentar a casa, a mãe, os irmãos e o gigolô da mãe. Essas crianças são as que mais sofrem ali dentro em época de crise econômica. O que é crise econômica lá dentro? É não ter navio atracado no porto local.

R. Quer dizer que a maioria dos proventos vem dos estrangeiros?

A. A maioria dos proventos vem dos estrangeiros.

R. Não de brasileiros?

A. Não de brasileiros. Não ter navio estrangeiro no porto local é desgraceira total na zona.

R. Quer dizer que o brasileiro não procura prostitutas?

A. Procura. Procura e está de parabéns. É o que em primeiro lugar se preocupa com o orgasmo da prostituta.

R. Ah! é?

A. Ele é tão econômico quanto preocupado com o orgasmo da mulher na cama, e é maravilhoso, né? Quer dizer que o homem brasileiro não está de todo perdido, não. É o segundo mais econômico, é o brasileiro. Os primeiros são os paquistaneses.

R. É que são pobres. Agora, diz o seguinte: isso você notou no Recife ou no Rio?

A. No Rio. Não em Salvador. O brasileiro na cama com a prostituta. Eu tava ali, era prostituta, ninguém tava sabendo que eu estava fazendo livro. Eles me tratavam como uma prostituta. Sensacionais, sabe? É lógico, tem as exceções, né? As exceções, já vem os “boys”, que são os que pintam misérias com as meninas. É por isso que elas têm medo dos “boys”. Já não vão mais pra apartamento, têm medo. Quem vai pra apartamento, acontece desgraça. As vezes sai uma com garrafa na vagina. Vai pra praia, vai bater no outro dia aonde? No pronto socorro. Entupida de

areia. Depois, saiu com quem? Com os “boys”. Quem são os “boys”? São os filhinhos de papai da alta sociedade. Aí é que volta a questão inicial. Eles são jovens esses “boys”, se eles fossem conscientizados mesmo do que era sexo, eles iam abusar do sexo oposto? Não iam. Porque não são conscientizados.

R. Quero saber se a maioria das trepadas que você deu foi com estrangeiros ou com brasileiros. Quero saber exatamente o mecanismo da prostituição. É mais com estrangeiro ou mais com brasileiro?

A. Mais com estrangeiros. A fonte de renda da prostituição são os estrangeiros.

R. Quer dizer: quem sustenta a prostituição são os estrangeiros?

A. Se quando eles saíssem do navio – andei notando isso. Quando andava ali na praça do cais eu pensava muito, fazia muitos planos de como acabar com a prostituição. Então uma vez... Claro que isso aí não vai acabar. Mas é o tipo da coisa: dizer que a prostituição não vai acabar é pessimismo. Mas quais as tentativas que se faz pra ela acabar? Até agora não tomei conhecimento. Se tomarem conhecimento, podem até me chamar que eu vou trabalhar de bom grado.

R. Você notou o quê? Quando eles saem do navio, o que acontece?

A. Ah! direto para o meretrício. Então se quando eles saíssem do navio, for estrangeiro – não precisava nem perguntar, né? Porque ali a guarda tem um controle de tudo – pagava um certo tipo de pedágio, para o quê? Aquele pedágio que ele pagasse ia pra infância, para a velhice. Quando eles soubessem... o mínimo, quando eles chegassem ao meretrício estariam sem dinheiro, como é que eles iam foder com prostituta. Sem pagar não dava né, que elas não iam.

R. Isso é o baixo meretrício?

A. Isso é o baixo meretrício.

R. E há outros tipos de meretrício? Elas falam de outros tipos de prostitutas?

A. Eu posso dizer isso?

R. Pode.

A. Há um tipo de prostitutas sofisticadas que vivem de anúncio de jornal: massagistas.

R. Isso eu sei. Isso é outro papo então? Que mais? Sobre outro tipo de prostituição, fora a “massagista”.

A. A prostituta sofisticada é a massagista. Há a do baixo meretrício, há a dos cabarés do centro e há essas a nível de companheiro. Há também a prostituta da conta, é aquela que no restaurante enquanto observa o cardápio, fiska o garçom com os

olhos, esta se prostitui para não pagar a conta. Agora, você está sabendo o que foi que me levou à zona da Rio Branco?

R. Claro, você quis conhecer o outro lado da vida.

A. Exato, quis conhecer o outro lado da vida porque quis descansar do que estava escrevendo, porque a criatividade estava acumulada.

I

ÚLTIMA TRAVESSIA EM BUSCA DO RECESSO

Na Escola Bélica da Vida, o que não me faz morrer
me torna mais forte (Nietzsche).

De repente senti saudade e inveja de Walesca, pois jamais seria tão bela quanto ela! Ainda naquele dia procurei André pela cidade inteira e não o encontrei.

Mais tarde pensei em visitar os cemitérios, querendo encontrar num deles Rogério, que eu estava sempre a buscar, nas lápides, epitáfios ternos que lhe provassem meu amor.

E desolada com a busca que empreendera em vão, só me restava agora sentar ao canteiro das lembranças e voltar a pensar nos outros filhos que havia criado!

Na falta de suas presenças, lembrava-me que a alguns deles eu própria matara e aos outros que havia deixado vivos, tão longe estavam que não mais atenderiam ao meu chamado.

Não! Não haveria de ser aquele o momento em que ficaria escura a minha imaginação!

Resignada, levantei-me em direção à lareira e, tentando aquecer a alma, acendi nela os anseios da solidão.

Olhei a máquina de escrever, companheira fiel do meu ainda não estagnado viver. Aproximei-me dela e comecei a escrever outro livro. Desta vez, porém, usaria de mais cuidado a fim de não sentir novamente a falta de alguém a quem dedicaria tempo e amor criando-o!

Justamente nessa época eu atravessava uma fase de bastante criatividade e tudo o que até então escrevera acumulava-se em minha estante. Precisava apenas de tempo e isso era tão somente o que me faltava. Tempo para revisão ortográfica e higiene mental. Todavia, tornavam-se vão todas as tentativas que eu fazia em minha casa para conseguir esse tempo. Eu devia isso à criação que já não me surpreendia, mas assaltava-me a mente na vontade incansável de escrever.

Em conversas de bares e encontros casuais, era mesmo inveja aquilo que eu sentia diante de quase todos os amigos que escreviam, porque no momento queixavam-se do recesso que tinham sofrido!

De uma certa forma, alienava-me então ao buscar o recesso! Ele tornara-se necessidade vital para mim, para o aperfeiçoamento do artista em mim. Exclamava: ah! se ele viesse a mim, aí sim, eu descansaria! E irônico ao tempo que ele se fazia por mim aguardado, permitia que eu ouvisse os seus passos mas não vinha a mim!

A sua presença, que eu não tivera ainda a ventura de sentir, provava-me no entanto que, nem mesmo em arte, por mais que a ela o artista se dedique, a perfeição jamais será por alguém alcançada.

Por tudo isso que me fazia sofrer, resolvi de imediato, como agir: dar férias a minha criatividade e conhecer outro mundo.

O mundo pelo qual optei conhecer não se tratava de um espaço além das fronteiras do ser mas o mundo do sexo comercializado que tem vida maior em períodos noturnos de qualquer cidade.

A Avenida Rio Branco seria, sem dúvida alguma, o verdadeiro cenário de inúmeros personagens a cruzar o meu caminho. Por eles, sozinha e pessoalmente, por mais que quisesse, nada poderia fazer. Mas no simples refúgio da minha arte, através de espaçados parágrafos do meu novo livro, quem sabe, encontraria solução para os seus problemas.

O que realmente haveria lá, que causasse tanto desprezo e medo nas pessoas que do outro lado da ponte mencionavam tal nome?

Sabia que se referiam à zona maior em termos de meretrício no Recife. Mas o que era mesmo na íntegra a zona? .

No começo, foi tudo simples, bastou-me atravessar a ponte para ingressar no outro lado da vida, defrontando-me com risos e lágrimas de meu próximo. Parei no cais, espantada comigo mesma devido à tranquilidade com que me armei para pisar naquele terreno. Lembro-me que ainda adolescente temia passar por ali, mesmo de dia, quando tudo aquilo era área comercial. Ademais, fui criada e educada num ambiente em que mencionar sequer o nome da Avenida Rio Branco era enorme desrespeito ao que todos chamavam família e padrões de formação. E foi nessa avenida que um letreiro chamou-me a atenção e entrei no “Chanel Drinks”.

De pé, já no canto da tal casa, à medida que olhava as pessoas, desfaziam-se em mim as dúvidas a respeito daquele local e sua clientela. Afinal, as prostitutas não se vestiam como eu pensava. Julgava que haveria de encontrá-las em meio a extravasados decotes e saias curtíssimas com bêbados. Mas, não! Elas falavam como pessoas que não sabem avaliar o preço real das coisas importantes, como gente que,

por mais idade e escola que tenha, embora morando na cidade, ainda não aprendera realmente a ler.

Algumas vestiam se como adolescentes que após passarem a tarde toda escolhendo os próximos trajes, desde as vitrines aos tabuleiros das lojas do centro, finalmente, optavam por algo que de maneira simples realçasse a beleza das formas dos seus corpos. Outras, devido talvez ao passar dos anos ali, pareciam me trazer nas roupas a prova evidente da experiência sofrida, machucadas por mortais tão perdidos quanto elas, às custas do vício causado pelo prazer momentâneo do sexo, cujo efeito era tão monetário quanto o tempo gasto em futilidades.

II

PRIMEIRO SALTO NAS ONDAS DA RIO BRANCO

Por vezes duvido de que nos seja dado salvar o homem de nossos tempos. Mas ainda é possível salvar os filhos desse homem, em seus corpos e em seu espírito (Albert Camus).

Dir-se-ia que eu havia chegado à zona em época de festa e festa internacional. Naquela noite, estava lá a marinha alemã, que em matéria de homens dominava o local.

Lá dentro, tudo era animação e devia se isso ao som agradável das músicas, juntamente com a presença alegre dos marinheiros que lá se encontravam. Fiquei de pé a observar, até que um dos oficiais chamou-me e perguntou-me se eu falava inglês. Respondi lhe que sim, mas só o suficiente para que, se algum dia eu estivesse em outro país, onde houvesse o domínio da língua inglesa, não me sentisse alheia a tudo. Ele me mostrou um sorriso simpático e convidou-me para tomar um drinque que aceitei. Mais tarde, em meio a nossa conversa, fiquei sabendo ser curta a temporada deles. E ele me fez novo convite: desta vez era para irmos ao quarto e, como o oficial era além de bonito educado, aceitei devido não só à atração que por ele sentia, mas também para responder ao que atrevidamente a curiosidade me perguntava: “Como será que um alemão se porta na cama?” Afinal eu julgava os alemães insensíveis devido a todas as conseqüências que o nazismo trouxe ao mundo. Mas, como é sabido, o relacionamento sexual é também um dos preciosos momentos no que se refere ao conhecimento e atitudes do ser humano, para surpresa minha, foi mesmo na cama que apaguei da mente a péssima impressão que de há muito eu mantinha dos germânicos.

Henter, assim se chamava ele, era um sujeito demasiadamente terno, fato que não só os seus beijos demonstravam, mas tudo. Depois que nos vestimos, ainda no quarto ele pôs algo num dos bolsos da minha calça pedindo me desculpas por não ter mais no momento para me dar.

Fiquei tão surpresa com o seu gesto que não sei como tive forças vocais para lhe agradecer, ao mesmo tempo em que calei o que realmente deveria dizer lhe: “Eu não sou prostituta!”

Enquanto nos despedíamos, ele me beijou com ternura, convidando me para conhecer o navio em que trabalhava, onde juntos jantaríamos na próxima noite. Só bem mais tarde, quando fui ao banheiro, verifiquei o que ele colocara em meu bolso: havia duas notas, uma de quinhentos marcos e outra de mil cruzeiros; foi, portanto, esse o preço do meu primeiro faturamento na zona da Rio Branco.

Se disser que fui logo para casa, estarei mentindo, pois gostei de tudo o que aquela noite me proporcionara. Aqueles alemães atraíam mesmo o mulherio e tenho certeza de que não era só o dinheiro deles a causa fundamental da atração. Daí eu também ter ido outras vezes ao quarto com outros alemães.

Claro que, a essa altura dos acontecimentos, eu admirava a capacidade recém descoberta de manter com mais de um homem, numa só noite, mais de uma relação sexual. Lógico que com todos eu não atingia o orgasmo, contudo, eles eram tão delicados, desde a maneira de entrar no meu sexo até o momento de ejacular que, por isso creio, as minhas partes genitais assim como todo o restante do corpo, não tinham âmbito sequer para cansaço quanto mais dor!

No final da noite os meus bolsos estavam cheios de marcos, dólares e cruzeiros. Porém, desde a época em que aprendi a ler, via o dinheiro com certa indiferença.

Quando cheguei em casa, o sol já despontava no horizonte. Julgava seus raios capazes, e somente eles, de queimar de vez tudo que comigo e em mim, na noite anterior havia acontecido. Mas, ao cair da noite, lembrei me de que eles ainda estariam por lá e, na minha obstinação, ouvi o eco: “Por que não repetir se gostara de dançar, beber e ir para a cama com os alemães?”

A noite, após termos jantado, atendi ao pedido de Henter. Saímos com alguns amigos seus acompanhados de mulheres. No entanto, como elas não conheciam os lugares que eles gostariam de ver e por terem dificuldade em entender o que eles queriam independentemente de sexo, fui apresentada a eles por Henter, ganhando assim a tarefa de “cicerone, coisa que fiz até com prazer. Mas é indispensável lembrar que “Olinda City” agradou mais do que “Boa Viagem Beach”, tão prático é o povo alemão.

Durante a permanência deles na cidade, eu vibrava intimamente por ter conseguido passar três dias sem escrever, me divertindo a valer. Eu bendizia até o momento em que quis conhecer aquele mundo.

Os alemães se foram levando a certeza de que a sua força-tarefa não mais voltaria aqui, deixando assim saudade nas mulheres que muito ganharam deles e também nos floristas, que bom lucro tiveram com a venda das rosas desabrochadas e botões.

Os presentes deles às suas preferidas, por uma questão de educação e respeito, traziam consigo a esperança talvez de que elas nunca se esqueceriam deles!

III

DÓCIL ASSALTO A IMAGINAÇÃO

Que inferno: minha pena rabisca! Estarei condenado a rabiscar? Adiantei Depressa, meu tinteiro. Vou escrever em vagas, vou escrever em rios (Nietzsche).

O meu quarto dia na zona foi bem diferente do que qualquer outro que num quarto dela eu pudesse ter. Os três dias anteriores conduziram me tão somente à acomodação e, não intrigada, reconhecia que gostara daquele lugar.

Mas voltemos ao quarto dia da minha permanência no meretrício. A zona estava calma, mas tão calma que parecia dopada! As mulheres comentavam entre si o seu ganho com os visitantes que se tinham ido e, apesar de tranquilas, notava-se em todas o visível sinal de cansaço, pois aqueles três dias com os alemães foram considerados como uma “maratona fodástica”, diante do número de marinheiros para os quais eram poucas as meretrizes naquele reduto.

Agora, de estrangeiros mesmo, só havia gregos, e eram poucos os chegados de navio. Ouvi quando uma delas chamou outra para que juntas fossem à “Casa de Atenas”. Aproveitei a oportunidade para as seguir, querendo conhecer a tal casa, uma vez que o local é ponto de encontro de todos os gregos que na zona chegam.

Na “Casa de Atenas”, só se ouve música grega. Não há quartos para faturamento. Daí a renda ser apenas das bebidas, dos pratinhos de tira-gosto e pratos vazios comprados para serem quebrados enquanto os gregos dançam.

Admirava-me com o que via agora: um espetáculo por demais espontâneo. Aos meus olhos nada havia de mais bonito no momento.

Tratava-se da música grega enriquecida pela quebra dos pratos lançados ao centro da sala onde se exibiam os dançarinos que não eram profissionais. Tudo indicava que faturamento ali deixava de ser a preocupação delas que agora se divertiam, mas que, com certeza, mais tarde teriam a segurança de uma “foda garantida” com pagamento efetuado pelo único grego, a quem tinham se dedicado a noite inteira.

Fiquei extasiada diante daquilo tudo e tentei resistir enquanto pude até não agüentar mais e pedir à moça do balcão papel e caneta emprestados.

E, satisfazendo a vontade de escrever que, para surpresa minha, ali também me assaltava, “nascia” assim o primeiro guardanapo de papel escrito por mim que, juntamente com outros, dariam origem a este livro.

As mulheres que vão assiduamente àquela casa falam mesmo grego e afirmam que aprenderam o idioma com eles. Demorei pouco tempo ali e saí um tanto decepcionada comigo mesma, por não conseguir deter mais uma vez a inspiração, terminando por parar novamente sentada no Bar São Francisco. Mas o que vi depois não podia passar despercebido à minha capacidade de exploração.

Ora, o Bar São Francisco em si é a maior parte do que é mesmo aquela zona. Basta dizer que raríssimas são as vezes que os freqüentadores não participam de confusões ou assistem a arruaças entre mulheres alvoroçadas e gringos disputados. Nas paredes, marcas de bala.

As confusões ali já se tornaram tão comuns que causa espanto quando nada de anormal acontece!

Tentei dialogar com elas para colher mais informações, mas a desconfiança delas não me permitia maior aproximação. Cada vez mais eu reconhecia ali a abundância de material que não podia desprezar. Lembrei-me que tinha algo em meu favor ainda: a condição de escritor anônimo!

O próprio ser retraía-se para dar livre curso ao que talvez, se não me cuidasse, se tornaria algo semelhante à maldição

de algum deus que não me permitia descansar a mente. Era o impacto puro entre o artista e a fêmea que eu descobria em mim. Mas sobreviveu a arte de escrever.

E, para não correr o risco fácil daqueles que escrevem sobre a fome sem nunca a terem sentido nas entranhas, adotei a necessidade real de viver naquele mundo, e tão importante se tornou tal fato para a minha arte que cheguei a prover parte da minha família com o dinheiro que lá ganhava e, paradoxo ambiental ou não, ainda assim não me prostituí.

Mas, no Bar São Francisco, encontrei uma imensidade de elementos que deviam por mim ser explorados, literariamente falando. Enquanto dei férias à minha criatividade, conheci as feras humanas da criação!

Portanto, foi nesse bar que se formou o objetivo de todo esse trabalho. Foi lá que, em momentos de descanso, eu construí os trechos de ficção. Foi lá que a poesia esbofeteou-me mais de uma vez através do seu realismo e amparou-me em todos os terrenos ilimitados do seu lirismo.

Foram seis meses de faturamento, embora os meus bolsos estivessem sempre mais cheios de escritos do que de dinheiro, algo como poemas ou crônicas avulsas que eu sempre trazia para casa.

Contudo, caríssimo leitor, este livro não é uma autobiografia. Na balança dos equilíbrios, a minha arte pesou menos do que as conjunturas sociais dos que me dedicavam amizade. Comuniquei a meus pais onde à noite me encontrava, o drama que eu vivia. Como nunca antes, passei a ser alvo de comentários da vizinhança.

Só dos escassos amigos recebi incentivos. Dos meus filhos, especialmente de Tânia, recebi o apoio e o impulso mais compreensivo para a elaboração deste livro.

IV

CARTÃO DE VISITA

Deixa, seu moço, que essa história eu conto, mesmo sem ter a arte de contar, pois não será contando a que as rédeas do meu cavalo irão arriar.

Apesar do avanço tecnológico, a sociedade brasileira continua limitando a liberdade individual, e a prova disso está na valorização que dá aos preconceitos e tabus, coroados unicamente pelo desamor que conseqüências fatais traz à tona, adulterando inclusive as potencialidades de um ser.

A prostituição é um exemplo!

A moça perde a virgindade ou a entrega a quem não é digno de merecê-la, continua em casa até que a família toma conhecimento do fato e a expulsa da própria comunidade em que vive, deixando a tão desorientada quando ainda está ela resplandecendo de juventude. Sai à procura de uma porta aberta, e a única que encontra é o cabaré, que de início a faz sentir se melhor do que na casa em que vivia, bem acolhida e tudo o mais. No entanto, a verdade a respeito daquela vida nunca é dita, somente é conhecida individualmente com o passar dos anos, através das seqüelas que ficam na pele ou na alma de cada uma.

Ao meu ver, um cartão de visita deveria ser distribuído assim:

- 1) Não acreditem ser isto aqui o pedaço melhor e mais fácil da cidade, pois os homens que nas mesas lhes oferecem copos de cerveja, doses e cigarros julgam também ter o direito de espancá-las quando na cama com vocês se deitarem.
- 2) Não acreditem que aqui se ganha mais de três salários mínimos por mês, isto porque há épocas de crise econômica na zona, e mulher alguma durante essa época tem dinheiro de sobra na carteira para pagar uma refeição, quanto mais para comprar uma roupa nova e se exhibir ao próximo freguês.
- 3) Raramente vocês encontrarão aqui um amigo, e os homens bons que porventura tiverem a sorte de encontrar e com eles se deitarem, saibam que foi apenas alguma decepção sofrida que aqui os trouxe. Por isso, nem eles próprios sabem dia, mês ou ano que irão voltar. Daí em diante, vocês vão apenas se acostumar com a maneira desesperada de esperar.

- 4) Para cada estrangeiro acompanhado (eu disse acompanhado), há três ou quatro mulheres de olho nele e na que o acompanha a qualquer momento, uma delas pode provocar no rosto um corte jogando lhe um copo, uma garrafa ou até mesmo dando-lhe uma navalhada.
- 5) Um fato generalizado no meretrício é a desconfiança. Ninguém confia em ninguém, isto é, qualquer uma pode pretender tomar o homem da outra a qualquer hora que quiser. Quando isso acontece, a agressão se generaliza, corre sangue a valer, para comprovar que nesse mundo a finalidade não é só foder.
- 6) Não só os homens são roubados no meretrício. As prostitutas também o são pelas colegas, fato verificado com mais freqüência nos cabarés do Centro, pois, entre as prostitutas, muitas vezes aparecem ladras.
- 7) Não pensem que é só a necessidade financeira que lhes dará a segurança do seu ganho.
- 8) Para assegurar o seu ganho, você vai ter somente de foder com qualquer um porque ele tem dinheiro. Em alguns casos, também há de lambar o sujeito da cabeça aos pés e depois parar no meio do seu corpo, exatamente onde o pênis e os culhões estão, e chupá-lo, mas chupá-lo mesmo, por vezes, até engolir lhe o esperma, nem sempre saudável.
- 9) De repente você poderá ouvir uma proposta pra fazer “suruba”, aí, sim, a questão não vai ser apenas “deitar e rolar”, como diz a música, mas também masturbar-se com outra mulher, chupá-la, deixar que ela a chupe também, enquanto o “sujeito da grana” assiste a tudo masturbando se ou, em meio a tudo isso, ele introduz seu pênis no traseiro de uma delas.
- 10) Dona de cabaré nunca sorri com sinceridade às meninas da sua casa. É como certos patrões, dizem que gostam dos empregados quando na verdade estão interessados mesmo na produção que eles lhes dão. Portanto, enquanto você estiver dando lucro à casa, tudo bem!
- 11) No princípio, você pode até se empolgar e pensar que tudo o que está lendo agora é mentira. Afinal prostituta novata interessa aos freqüentadores veteranos do lugar e, a partir do momento em que é travado o conhecimento, há até motivos para a ingênua vibrar, tais como jantares, bebidas, cigarros, dinheiro e presentes.
- 12) A zona não dá nada a quem quer algo, apenas ilude, gasta, usa e abusa, além de reduzir a condição de um ser à expressão mais degradante.

Por tudo isso, saiba que o uso do corpo, o preço do gozo adiantado ou não, o pagamento do quarto, o suor do corpo na cama, as doenças venéreas, o que alguém desinformado cognominou de “sina”, nada mais são do que consequência das limitações de uma sociedade que tem as suas bases estruturadas na hipocrisia, nos

preconceitos e padrões estabelecidos em função do “eu”, visando apenas a coroar o egoísmo de pseudo-seres, que, de humanos, têm tão somente o nome. Disso se aproveitam para encobrir a podridão das suas intimidades, encarcerando nelas a verdade que deveria ser dita a todos.

V

O ENCONTRO

Os búzios falam de um tempo novo, onde serão banidos os bandidos do tempo (Fátima Ferreira).

Quase sempre à noite aquele homem chegava ao cabaré e, numa dessas noites, conseguimos dialogar. Iniciamos assim uma sólida amizade, com encontros cuja frequência passou a incomodar a todos os incultos e desprovidos de amor à nossa volta.

Louvou ele o meu talento e eu a sua amizade. Uma das mulheres chamou-me somente para me dizer que eu estava enlouquecendo de tanto escrever. Não sabia ela que eu era nada mais do que um “artista do imediato” e que as portas teatrais dos bajuladores, reconhecidos às pressas, pelas quais eu jamais pretendi passar, tinham se fechado para mim desde o início do primeiro ato.

Enquanto isso a “máfia dos poetas”, que tinham canto certo para poetizar, teimava em não enxergar que aonde quer que fôssemos, a inspiração pairava, estando ela em qualquer lugar que provasse aos humanos a expressão benéfica do amor. Todavia, nunca perdi tempo em lhes explicar o motivo de cada coisa ser um tema e cada humano um elemento literário possível de exploração pela minha inteligência.

Por conseguinte, diante disso tudo, sorria me a criação, e com certeza nem mesmo o tédio me assaltaria, isso porque amo e, na plenitude desse amor, vivo!

Outrossim, a solidão às vezes tenta perseguir me e, no meio do caminho, por si só desiste, sentindo a realidade da poesia que, cada vez mais, preenche o vazio a que se arrisca também a minha alma.

Sabe, amigo, que nada mais me espanta neste mundo, tudo para mim é consequência do natural, afinal, o paradoxo só existe porque alguém o acata.

Veza por outra, a hipocrisia faz-me trejeitos e se enfurece, afoga-se em ódio por saber que o meu ser por ela jamais será contaminado. Apesar de tudo, eu ainda acredito nas pessoas, pois Buda não parou aqui só para dizer alguma coisa e partiu; e Cristo, o Messias, por sua vez não teria escolhido espontaneamente esse lugar para ser crucificado e, se naquele tempo não existia gravador, restou nos o consolo da

existência dos poucos homens que tiveram memória para registrar o que deveras a humanidade precisa saber.

De uma certa forma, convém apenas lembrar: em meio a tudo isso, os “artistas do imediato rejubilar-se-ão”, diante da verdadeira arte, porque somente ela servirá de ungüento para a purificação do ser!

E agradeço, amigo, mas no momento nada quero ler. Receio o embotamento da mente através de regras, vocábulos e metáforas que há muito deserdei. Devolvo a gramática que, cuidadoso, me emprestaste querendo um dia me ler decerto bem.

Peço apenas que também te coloques à prova, e, embora não conformado, aceites as coisas como elas são e não como convém, pois é sabido de todos aqueles que me conhecem que há muito abandonei as regras, a teoria dos meus versos e a lei do meu ser.

Quem sabe talvez seja eu a exceção de moderna Poesia!

E para que nada fique embaraçoso, explico melhor. Respeito tanto os mestres que a essa altura dos acontecimentos estúpidos sinto receio de maculá-los ao tocá-los.

Relembro Goethe e Nietzsche, escuto Ray e Ella, e nos meus escritos sorvo tão somente a emanção. Relembro Brecht e Eluard, escuto Caetano e Chico e nos meus versos faço a explosão. Relembro Sartre e Vinícius e vivo cada momento que em mim a Poesia ainda existe!

VI

VIAGEM ATRAVÉS DO EXPRESSO MENTAL

Com o brilho de punhais, minha dor escreve em meu cérebro (Nietzsche).

Perto de alguns originais que escrevi antes de tudo acontecer, acumulam-se as carteiras de cigarros vazias e os guardanapos de papel, onde nos versos algo se lê também escrito por mim durante as noites e madrugadas, nos bares São Francisco, Silver Star, O.K., Black Tie, Orion, Chanel, Chantecler, Adilias, Las Vegas, Escandinávia, Casa de Atenas, Sargaços, Baiana e outras tantas “casas de drinques e faturamento”, locais diversos do baixo meretrício da cidade onde nasci.

Releio um por um e percebo que a maioria é aproveitável.

Penso nos episódios ocorridos na noite anterior e as “companheiras de trabalho” que perdoem aos meus olhos por vê-las quais “cisnes pardos a nadar no rio branco de espumas fatais”.

Penso em tudo que amei, inclusive a Áustria. Amei tanto a Áustria que, na dificuldade de lá ir, parei muitas vezes em Olinda e, contemplativa, me vi a desejar as armas da sua casa que há no púlpito da Igreja da Misericórdia.

Mas a verdade é que amei tanto a Áustria que quando tive a certeza de lá não poder mais ir, me senti morrer emparedada nos edifícios erguidos da minha nacionalidade!

Volto a pensar em mim e sinto o perigo da acomodação a me espreitar. Lembro-me da zona e da maioria das prostitutas

que estão se multinacionalizando a cada noite e a cada navio do exterior que atraca no porto local.

Penso também nos brasileiros idiotas que quando uma prostituta deles se aproxima e pede um cigarro, fingem não entender, engrolando a língua, querendo parecer um “gringo”, chegando a tal ponto a mediocridade, que, com o olhar, pedem ao amigo ao lado que lhe sirva de intérprete, e ele, também com a língua engrolada, explica que a mulher quer cigarros. Mas não sabe o que é cigarro em inglês. Aí o pretenso gringo dá à mulher um dos seus cigarros, puxando do bolso um maço de cigarros de marca nacional!

Penso naquelas que preferem sempre a Coca Cola como refrigerante e cigarros Marlboro em louvor aos capitalistas louros de olhos azuis que aqui vêm e, como se isso não bastasse, vaporizam a pele com spray também importado e tratam esses estrangeiros como se eles fossem verdadeiros e dignos reis.

Calada, eu assisto a tudo com vontade de lembrar-lhes que os excrementos dos estrangeiros fedem tanto quanto os dos favelados de qualquer país!

Penso em Elaine, alguém que não quis nem pensou em ser prostituta, e hoje, no entanto, é. Penso no pai dela, que sabe da sua permanência aqui, na zona, e hoje fez outros depósitos em sua conta bancária, alguns milhões, para lhe deixar quando morrer (herdeira única). Mas esse mesmo pai disse à filha que agüentasse a vida de prostituição até o próximo ano, quando os juros do capital empregado por ele a prazo fixo serão maiores podendo assim ela e a família viver melhor!

Penso no pai dos filhos de Elaine que, após uma semana de homologação da separação judicial por ela pedida, demitiu se da firma em que trabalhava e com a indenização recebida comprou móveis de luxo, granja e carro do ano, registrando tudo no nome dos irmãos e cunhados, passando a trabalhar por conta própria, sem nada dar aos filhos!

Ninguém prova que ele tem algo e da mesma forma ninguém prova que todo ganho de Elaine aqui, na zona, é exclusivamente para a manutenção dela e dos filhos, cuja guarda ganhou na justiça!

Já recorreu à assistência judiciária, mas o que lá ouviu desanimou a, pois, segundo o advogado que a atendeu, é melhor não requerer a pensão alimentícia que há muito está atrasada, ou melhor, nunca foi paga pelo responsável pai aos filhos e se ele alega ao juiz qual o tipo de vida que às noites Elaine

tem, a situação piora, perderá a guarda dos filhos que tanto ama e que o maldoso pai levará passando sem dúvida a sustentá-los. No entanto, enquanto eles estiverem na companhia dela, um centavo sequer o pai dará.

Como se vê, os direitos humanos diante disso tornam se piada, e, deitada eternamente de olhos vendados, continua a justiça no teu berço esplêndido, Brasil!

Penso em Mônica, aquela prostituta que frequenta um cabaré na rua da Concórdia, tem emprego certo, salário seguro, é filha de um eminente professor de urologia já aposentado, tem um modesto apartamento e duas filhas moças e não só às noites mas também às tardes de sábado e domingo frequenta o cabaré, já tendo me dito certa vez que se deitaria até com satanás se lhe aparecer trazendo lhe dinheiro!

Penso em Mirna, que aos olhos dos que a conhecem superficialmente é muito bem casada, frequenta a alta sociedade e participa até de campanhas filantrópicas. Vez por outra, ela frequenta a zona de Rio Branco e à medida que conhece os homens

que aqui vêm, busca com eles o orgasmo que o marido devotado ainda não conseguiu lhe proporcionar. No entanto, se o homem com quem ela quis se deitar não lhe pagar depois, ela correrá atrás dele, não para agradecer o orgasmo proporcionado, mas para cobrar o aluguel do sexo!

Penso também na prostituição masculina e no quanto mais difícil que a feminina é!

Penso naquele sujeito educado e economista conceituado de quem, para surpresa minha, recebi um dos mais altos michês, conhecendo ao mesmo tempo outra faceta da sua personalidade. Carregava sempre uma pequena mala, e cada vez que vinha à zona, ao chegar ao quarto, tranquilizava a mulher que o acompanhasse explicando que o seu caso não era “trepas”, mas receber aplausos dela. Em seguida, retirava da mala um par de sandálias de salto alto, peruca e vestido fino. E pelo quarto, já depois de maquiado, exibia-se como se estivesse a desfilar numa passarela. A prostituta, sentada na cama, batia palmas, deixando-o muito feliz!

Esse realmente foi uma exceção, pois os melhores homens que conheci na zona foram aqueles com os quais não tive sequer contato íntimo. Daí hoje eu ficar também a pensar em George, que a essa altura está muito longe daqui.

VII

A EXCEÇÃO GREGA E O RAPAZ DO CONTO

Buscar alguém que nos complemente é repousar de todo o excesso que em nós há.

George e eu conversávamos em inglês, pois ele não falava uma palavra sequer em português. Eu não conseguia entender por que algumas mulheres que por nós passavam, ao escutarem parte da nossa conversa, paravam e dele se admiravam, outras até a certa distância de nós apontavam para ele. Só mais tarde vim a saber o porquê daquilo tudo!

Ele era mais um dos gregos que ali se encontravam e deparar-se com um grego que soubesse expressar-se em inglês, ainda mais tão bem quanto ele, era mesmo algo raro ali na zona! E Sandra, a mulher que estava com ele, passou a ser invejada pelas outras, porque ele a preferia às demais.

George era mesmo um sujeito culto e passei por ele a ser mais admirada quando, para surpresa sua, citei alguns dos tópicos das obras de Ésquilo e Sófocles. De minha parte, Dir-se-ia que a felicidade transparecia em meu rosto!

Afinal, encontrar um grego na zona que conhecesse o Agammênon de Ésquilo era o mesmo que encontrar lá na Grécia um brasileiro que conhecesse Carlos Drummond de Andrade e Alberto Cunha Melo, e além disso, os amasse tanto quanto eu!

Ele não era como os outros seus compatriotas gregos eufóricos que quase sempre por ali transitavam. Muitas mulheres até se faziam charmosas ao avistá-lo.

Já do outro lado da ponte, o barulho do progresso martelava na construção de mais um edifício àquela hora da madrugada. Em seu carro, o contista martelava na consciência o título que daria ênfase à capa do seu último livro recentemente escrito.

Sentada perto dele, a amada, calada, fazia ao colo poemas, dos quais até então era ele seu único entusiasta. Perto deles, o Capibaribe murmurava a canção de amor nascida das águas serenas, quando um homem calmo que pescava aproximou-se deles com a rede ensangüentada, barriga cortada, vísceras à mostra. Numa atitude mesclada de normalidade e espanto, eles socorreram o pescador banhando o carro de sangue.

Mas, voltando à nossa conversa, George quis conhecer minhas idéias políticas que combinavam com as dele. Comemoramos com alegria a vitória do regime socialista, recentemente adotado pela Grécia. Sabíamos que aquilo ainda não era tudo, mas não podíamos deixar de louvar o primeiro passo e por muito tempo ainda naquela noite ficamos a lembrar e a analisar a situação de alguns países.

George partiu no navio onde trabalhava como imediato, a massa humana dos estrangeiros que ficaram na zona continua a ser usada e é ainda essa mesma massa que aqui não serve para nada.

E isso faz me continuar acreditando que a questão verdadeira já não é aquela antiga questão shakesperiana: “Ser ou não ser!” Para mim, a questão tornou-se mais real. Daí eu dizer: “Permanecer ou não permanecer!”

Em outras palavras, há mulheres que já não têm necessidade de aqui permanecer. O caso dessas tornou-se vício. Há outras que têm empregos seguros, tais como enfermeiras, auxiliares de escritório, recepcionistas e bancárias, mas continuam alegando que “o ganho daqui ajuda o ordenado. Assim sendo, lamentavelmente percebo a prostituição como integrante do sistema da compensação salarial!

VIII

O COTIDIANO

A bem dizer, o rosto é uma máscara. O verdadeiro homem é o que está debaixo do homem (Victor Hugo).

Era mesmo rico aquele homem que me chamou para beber com ele e Dir-se-ia até que foram inúmeras as vezes que o seu barco velejara através dos mares do contentamento hipócrita e todos se curvavam diante dele.

Inúmeras também foram as vezes que o avistei vagando por bares onde pseudo amigos lhe erguiam altares e ele lhes parecia o único Deus em solicitude plena e compreensão, sempre a conquistar dos novos conhecidos simpatia e atenção.

Ele se fazia alheio perante gírias e materialidades que o pudessem induzir ao caos. Em dado momento, alguns amigos começaram a discutir sobre a renúncia ao álcool e à nicotina, enquanto ele continuava tranquilo a beber comigo e, olhando-me seriamente, disse-me em seguida em tom grave: “Será que não compreenderam ainda que o perdão e a renúncia devem estar ao alcance de todos? Pelo menos eu aprendi isso com um sábio!”

E era mesmo com tranquilidade que ele vivia não em onisciência mas em plena consciência de que, apesar de só, era o mais rico dos mortais, pois tinha consigo um Deus em cada copo de cerveja chamado relax, em cada busca chamada asneira, em cada dispêndio chamado arrojo, e incinerava assim a coroa que eles lhe destinavam. Apesar de tudo, era um carente, e eles jamais perceberiam, tão envolvido em dinheiro aquele homem estava que apenas isso nele eles viam. Mas até com essas coisas nós nos acostumamos.

Nós nos acostumamos, sim, a ficar até altas horas da noite acordados, e a mais do que isso, nós nos acostumamos à rotina dessa vida deturpada!

Os homens que vêm aqui, na maioria, são de meia idade e, como souvenirs dos seus comportamentos, trazem consigo a vulgaridade. O interessante disso é que já são considerados figuras importantes da alta sociedade, mas como estabeleci um critério para faturamento, tais homens não me chamavam a atenção e, diante desse critério, eu levava em conta o cuidado para não me desgastar física e emocionalmente. Escolhia os homens por duas etapas:

- 1) tipo físico;
- 2) idéias e concepções formadas.

Os homens que tivessem tais itens em suas personalidades, mesmo que estivessem interessados em me conhecer sexualmente, não iriam correr o risco de se vulgarizarem me perguntando: Qual é o seu preço? Quanto você cobra para “dormir” comigo? Quanto custa para você ficar numa cama comigo por uma ou duas horas?

Ora, se tais perguntas me fossem feitas, eu jamais saberia avaliar me em quanto sexualmente valia! Obviamente, eu escutei tais perguntas de muitos e quando isto acontecia em relação aos brasileiros, minutos após, eu arrumava uma desculpa, pedia licença e me retirava da mesa, sabendo assim que eles não eram tão educados quanto bonitos, e bem vestidos.

Já em relação aos estrangeiros, eu aprendera com eles a cobrar e perante eles eu me conscientizava mais da minha condição atual de prostituta e precisava sentir como eles as tratavam.

Se agisse assim com os brasileiros, estaria me prostituindo, e não colaborando para que se pusesse termo à prostituição no Brasil.

E ainda quanto aos estrangeiros, eu os conhecia em comportamento e sexualidade e, além de com eles me divertir, disso tudo monetariamente usufruía.

Uma agulhada de tristeza é o que sinto quando estritamente por motivos de sexo encontro aqui expoentes da intelectualidade pernambucana.

É como se nesses instantes, editores, poetas, educadores, jornalistas e psiquiatras esquecessem de vez as suas finalidades aqui na terra!

Viajo através do meu expresso mental e, no caminho, encontro alguns humanos tão insanos que repudio a minha condição de ainda ser isso!

As vinte e três horas de mais um dia já se foram, isto quer dizer que os soldados da polícia já foram recolhidos junto aos cães que as suas vidas guardam. De agora em diante, até que o dia amanheça, os malandros fichados ou não recebem a promoção livre de galões ou fardamento, tornando se assim os verdadeiros guardas do meretrício!

Um certo pária passa por mim com um tabuleiro de damas e eu associo o jogo ao lugar, devido ao vaivém sacrificado que as mulheres empreendem na travessia do tabuleiro vital dessa amarga existência; algumas não demoram a ser comidas no caminho e para que outras recebam a coroação, precisam mesmo saber relacionar dinheiro e bebida, suportes principais das suas verdadeiras ações.

Enquanto bebíamos hoje, Maurício me falava sobre Lady Júlia, um raro ser humano que não conheci, e de tudo o quanto com ela ele aprendeu aqui. Perto de nós, um dos garotos do amendoim dormiu o seu sono infantil abraçado ao travesseiro por ele mesmo improvisado. Era o depósito de plástico do seu amendoim.

Ao contrário do que muita gente pensa, as prostitutas, na maioria, se vestem de maneira mais decente que certas mulheres que vivem do outro lado da ponte e até mesmo altas posições sociais ocupem.

O idioma mais bem falado aqui é o grego. Em inglês, a cantilena é sempre a mesma: “Do you have money? Wanna to fuck? Cigarette? I love you!” Em compensação, algumas mulheres falam muito bem a língua dos filipinos.

Os travestis nunca são por elas insultados mas considerados, e o seu local de domínio são sempre as esquinas!

Há seis anos, Ana trabalha só para gregos e tanto fala como escreve também. Embriagou-se hoje como nunca antes vi.

Chegou até onde estava e disse-me que na “Casa de Atenas estava proibida de entrar.

Ana é bonita, tem 48 anos de idade, mas não aparenta. Um brasileiro bem humorado passa por nós e bate de leve no traseiro de Ana. Ela reclama: “Ei, cara, não mexe aqui não que isso tá alugado a grego. Não tem nenhum aqui agora, mas no mês que vem o navio deles vai voltar! Hão de querer encontrar tudo como deixaram, senão, ao invés de dinheiro, vou ganhar deles a palavra adeus!”

IX

A INFANCIA NA ZONA

E se o sofrimento das crianças serve para perfazer a soma das dores necessárias à aquisição da verdade, afirmo desde agora que essa verdade não vale tal preço (Dostoiévski).

Lamentável mesmo é ver de perto o grande número de crianças que todas as noites trabalham, imploram e ganham e, à medida que crescem na zona, na zona mesmo se perdem. Desde muito cedo, ingressam na marginalidade, muitas vezes até induzidas pelos próprios pais que ao mundo os trouxeram; enquanto isso, esporadicamente as campanhas continuam em benefício do menor abandonado. As autoridades locais talvez não avaliem a gravidade do problema.

No tablado da cadeira de engraxate, duas crianças se encolheram uma com o auxílio da outra para deitar, abrigar-se da chuva e dos maldosos que pudessem incomodar o seu sono.

Observei o cuidado com que uma outra criança colocou sobre os amigos encolhidos o tablado de madeira, de forma que as abrigasse a fim de que ninguém pudesse machucá-las. Como era mínimo o número de pessoas que assistiram à tal cena, logo depois, sem nada daquilo suspeitarem, três prostitutas cansadas de tentar ganhar até aquela hora e nada encontrar, sentaram-se sobre o desamparado e precioso sono infantil!

A poucos metros de distância, um homem vende confeitos, doces e bugigangas. Arma dentro do seu tabuleiro a cama apertada do bonito e mal arrumado casal de filhos que a mulher a quem amara um dia lhe presenteara. A menina tem quatro anos e o menino três. Dormiram felizes após o pai beijá-los e com cuidado tê-los coberto.

Em pé eu bebia cerveja na garrafa, e perto do velho pipoqueiro, silenciosa, dali eu observava. Diante de um grupo de cinco argentinos, algo me chamou a atenção: uma mulher com duas crianças maltrapilhas. A menina sem dúvida alguma sentia frio e as lágrimas ameaçavam cair dos seus pequeninos e inocentes olhos, mas foram impedidas com o impacto do empurrão que lhe dera a mãe dizendo: “Vai logo, menina, deixa de ser lesa!”

A garota esbarrou num dos argentinos que nada daquilo compreendiam e ela pediu com voz tênue numa mistura de inglês e italiano:

– Money pra bambino (apontando para o irmão menor). Em seguida, a mãe repetiu a frase como num eco apontando também para o menino. Não resisti e me aproximei da mulher indagando:

– Quantos anos ela tem?

– Seis, respondeu a mulher.

Ela está com frio e acho que com sono também, disse.

– Tá sim, mas ainda não tá na hora de dormir. A senhora não imagina a minha luta, como é danada. Tenho mais dois em casa e trabalho muito para ganhar. Agora mesmo, ao invés de dormir, estou perambulando. Hoje vim só com esses dois.

Afastei-me da mulher e, naquele momento, senti até onde vai a ira do ser humano, quando desejei acordar as autoridades de menores para que elas pudessem ver bem de perto aquilo tudo ao mesmo tempo em que desejei ter nas mãos galhos de urtiga para dar uma surra na mulher. Mas como tem mulheres que não merecem a maternidade, aquela era uma delas e a desgraçada agora ria enquanto a filha pequena, tremendo de frio, era obrigada a abordar os homens pedindo dinheiro. Perguntei as horas a alguém. Já passava das duas e meia da madrugada.

“Pelado” é um garoto desnutrido, de 12 anos, fala grego com habilidade e humildemente não sabe o quanto é inteligente!

Mas quem é que na zona da Rio Branco não conhece “Pelado”, o menino galeguinho do amendoim? Os gregos adoram no a tal ponto que já o puseram no navio para levá-lo à Grécia. Segundo eles, “Pelado” deveria estar lá, mas quando isso aconteceu, a mãe de “Pelado” apavorada correu ao porto e o retirou do navio. Também pudera, as mulheres disseram-me que ele sustenta a ela e aos irmãos menores, além de um gigolô.

A realidade daquele reduto é a seguinte:

1) A infância, 20 a 25 crianças, mantém boas relações de amizade com ladrões, toxicômanos e malandros.

2) Estas crianças mantêm a casa onde se encontram os irmãos, e mãe e, em alguns casos, até gigolôs.

3) Estas mesmas crianças estão já incluídas como integrantes assíduos do submundo.

4) E sem apoio moral e psicológico, quase tudo elas já sabem sobre aquela realidade chocante, ao mesmo tempo em que desconhecem bastante sobre tudo o que necessariamente nas suas idades deveriam conhecer.

5) Quando há crise econômica na zona, são estas crianças as mais prejudicadas e passam a adotar precocemente os vícios dos adultos.

Vale salientar que entre as zonas que conheci, de norte a sul do país, no Recife, encontrei muito mais menores, a maioria exercendo o comércio ilegal do sexo impunemente.

A velhice desamparada também é uma constante nesse lugar, pois, enquanto duas anciãs são expulsas de um bar onde sentaram e terminaram por cochilar, adiante, pedem outras esmolas.

Em contrapartida, nas portas das boates, lê se a portaria proibindo a entrada de menores, mas lá dentro, já desde cedo, os “heróis do amendoim” adulam os freqüentadores para que comprem sua mercadoria!

X

POR QUE AS PROSTITUTAS ESTÃO SE MULTINACIONALIZANDO

Não mencionadas, as coisas que são podem passar como se não fossem (Aldous Huxley).

Analizando de perto o comportamento e as atitudes dos homens que para satisfazerem os seus instintos sexuais aqui vêm, não é de estranhar o motivo que leva as prostitutas a optarem pelo esquema da “multinacionalização”, entendendo sequer o sentido que se encerra na definição dessa palavra!

Apesar da larga experiência de vida que muitas têm, não acreditam mais no funcionamento do fator sorte. Quem tem um certo nível de escolaridade percebe facilmente no ser humano os itens necessários à sua realização:

- 1) educação e aparência;
- 2) comportamento e higiene;
- 3) sentimento associado à forma de tratamento.

Daí terem elas a compreensão de que:

I) Os alemães são considerados verdadeiros gentlemen, desde o tratamento ao pagamento. Através da educação e simpatia que lhes são peculiares, resolvem com naturalidade o problema da incompreensão relativa aos idiomas em que se expressam. Apesar de fazerem questão de conhecer a cidade, muitos levam com razão péssimas impressões da nossa tão badalada metrópole, desde os sanitários, freqüentemente sujos nos bares e restaurantes, até o momento em que de perto vêem alguém cuspir no chão. Admiram-se porque, se isso acontece na Alemanha, o infrator é punido logo. Durante a permanência deles aqui, que é sempre curta, no máximo três dias, algumas delas batem o recorde de faturamento. Outras são tão bem tratadas, que correm o risco de se apaixonar por um deles. Enquanto isso, vão lamentando a pobreza de vida noturna que a nossa tão querida “Veneza Brasileira” oferece!

II) Os paquistaneses, bengaleses, senegaleses e indianos são por elas chamados “gandus”. Embora sejam por demais higiênicos e controlados nos “drinques”, são por demais realistas e passam assim despercebidos aos olhos delas. Quanto aos indianos, dão preferência às mulheres de cor branca.

III) Os iraquianos são maravilhosos sujeitos religiosos, alguns encaram o ato sexual como se fosse um ritual. Não há reclamação contra eles. Alguns sobressaem na maneira de pagar. Sentem que perguntar à mulher quanto ela custa na cama é um modo rude de as tratar. Entregam a carteira e mandam retirar dela o dinheiro que aquela noite a mulher precisa ganhar. Como se vê, realmente os iraquianos nada deixam a desejar, a começar pela fidelidade. Meses depois eles voltam e, sorridentes, as mulheres os recebem. Eles sempre as reconhecem com alegria, e renovam com as mesmas parceiras os prazeres do sexo. Antes disso, jamais se esquecem de as presentear. Fato que me surpreendeu também diante dos iraquianos: quando noivos ficam em seu país, guardam-se sexualmente para as noivas que lá os esperam. Contudo, enquanto terminam os seus contratos de trabalho aqui, no Brasil, em navios petroleiros e aqui retornam a encontrar a prostituta com que ficavam em viagens anteriores, tornam-se unicamente amigos, alimentando-as e presenteando-as, mas evitando relações sexuais com qualquer delas.

IV) Os filipinos, suecos, dinamarqueses, noruegueses, italianos e japoneses dispensam comentários de tão bons que são, sem esquecer de anotar nessa sequência, segundo elas, os chineses e coreanos. Com esses nunca fiquei. Fazem parte dos homens ideais, dos michês, é claro.

V) Os gregos são os favoritos das veteranas e a atração glamourosa das novatas. Estes senhores da euforia, em suas danças bonitas, transportam-nos a um mundo deveras emocionante, não digo todos, refiro-me à maioria. Eles, como a maioria dos brasileiros, são obcecados por sexo anal.

VI) Os americanos: para esses a palavra de ordem na zona é dançar; liberais sexualmente e bagunceiros por natureza, como nunca seriam os alemães. Quando um norte-americano gosta de uma mulher, além de a presentear, dá-lhe dinheiro suficiente para que possa viajar, garantindo-lhe assim que, enquanto estiver no Brasil, com ele irá ficar e no próximo porto realizará novo encontro.

VII) Os chilenos, mexicanos, peruanos, argentinos, irlandeses, africanos e uruguaios trazem consigo o toque de romantismo e são ao todo mais conformados com o que na zona possa acontecer.

VIII) Os ingleses são tão calados quanto atenciosos.

IX) Os portugueses são muito bons pagadores e também ótimo tratamento dedicam àquelas que os acompanham, mas isto até que se tornem radicados no Brasil.

É óbvio que existem exceções que não correspondem às características acima ditas em matéria de coerência e legitimidade.

E voltando à questão titular deste texto, vale salientar: ao contrário de tudo, entre dez brasileiros que procuram as “operárias do sexo” em busca dos prazeres carnavais, apenas três as tratam de maneira distinta e calorosa, chegando até com elas a

conversar desde a mesa do bar à cama. Os sete restantes reclamam do preço da mulher, da bebida e do quarto e, com conversas banais, ainda empatam a infeliz de faturar com outros, fazendo a perder tempo com eles sem nada ganhar.

São tão ridículos que quando sabem o preço do quarto, reclamam alto, dizendo ser aquilo o preço do táxi que os levará para casa.

Há também aqueles chamados de “almas caridosas”, que aqui vêm para dar conselhos a algumas delas e, depois de tudo, querem com elas fazer amor de graça.

Outros, além de tudo exigir, da mulher em matéria de sexo, despedem-se da infeliz sem nada lhe dizer como desculpa, sem pagar. Uns dão até bofetadas para que, em meio ao medo, lá fora nada deles possam contar. Entre esses, na escala maior, enquadram-se os pernambucanos.

Salvo porém os brasileiros mais esclarecidos que aqui vêm e deixam saudade quando partem, estão incluídos os gaúchos, catarinenses, paulistas, cearenses, cariocas e paraenses. Ainda há os de quem desconheço a origem, conhecendo apenas seus locais de trabalho, tais como Amazônia, Pará e Paulo Afonso.

Dos marítimos em geral, nada a reclamar!

Portanto, se as prostitutas também estão sofrendo o problema da “multinacionalização” (dessa vez), deve-se isso exclusivamente à violentação que sofrem dos seus corpos e espíritos, consequência do fator educação, tão falho quanto necessário ao nosso homem brasileiro, o “machão tropical”.

XI

IMPRESSÕES

A arte e a puta invadem sempre as madrugadas, espreitam os dias, ferem e sentem feridas que sangram dentro da época.

O único receio que sinto na zona é diante dos chineses. Quando eles estão a sorrir pra mim não consigo desvendar o que dizem, se lhes agrado ou se sou mais uma entre tantas filhas das putas que aqui vegetam.

Lamento profundamente que este receio me impeça de aproximar me e analisar os seus comportamentos na cama.

Meu corpo e alma empenham se neste trabalho. Não posso titubear um instante sequer. Sei que estou arriscando meu nome, minha posição de mãe, enfim toda a minha reputação, mas faço questão de frisar que não fui convocada por órgão algum para registrar esses acontecimentos. Tenho apenas a certeza de que estou cumprindo um dever para com a arte a que me dedico, e que me renova as forças para ir adiante.

Como escritora, poetisa e artista plástica que sou, deixo aqui as minhas impressões sobre o ambiente:

A zona é a seqüela maior do capitalismo: portanto, vasto campo de materiais cruciais ao ser. Todas as páginas brancas do mundo são insuficientes para realizar a história dela. A zona é também um universo de elementos dum poema cujas estrofes são tão profundas quanto incalculáveis, um quadro repleto de cortes sangrando olhos e corações verdadeiramente humanos.

XII

PESQUISA VIVIDA

O que nós fazemos nunca é compreendido, apenas louvado ou condenado! (Nietzsche).

Ninguém pode afirmar ser a cozinha baiana mesmo boa se dela só tiver comido vatapá. É preciso ter provado por mais de uma vez, de diversos cozinheiros, o caruru, a panqueca de siri mole, a muqueca de peixe ou marisco, os bolinhos de estudante e outros tantos pratos típicos que a Bahia tem.

Da mesma maneira, mulher alguma pode afirmar que tal raça é mais sexy do que outra, se só com um homem dessa raça ela deitar. Para is estrangeiros que pouco aparecem, tal afirmação só deve ser feita se pelo menos com 10 ou 20 ela se deitar. Porém, quando a frequência é maior também se tem mais base para se afirmar qual é mais sexy.

Pela ordem de seqüência, pois, os homens mais sexy que na cama da zona conheci são:

1) suíços e iugoslavos; 2) suecos e noruegueses; 3) dinamarqueses e japoneses; 4) uruguaio e chilenos; 5) alemães e franceses; 6) brasileiros e gregos; 7) italianos e iraquianos; 8) indianos e mexicanos; 9) filipinos e ingleses; 10) americanos e argentinos.

Adeptos do sexo anal: 1) gregos; 2) brasileiros; 3) mexicanos; 4) chilenos; 5) franceses.

Adeptos do sexo oral: 1) japoneses; 2) norte-americanos; 3) suíços; 4) franceses; 5) uruguaio; 6) brasileiros; 7) iugoslavos; 8) chilenos; 9) alemães; 10) mexicanos; 11) argentinos; 12) irlandeses.

Associação da masturbação com o ato sexual: 1) filipinos; 2) suíços; 3) brasileiros; 4) franceses; 5) chilenos; 6) argentinos; 7) mexicanos.

Colaboração em prol do orgasmo feminino: 1) brasileiros; 2) chilenos; 3) noruegueses; 4) suíços; 5) venezuelanos; 6) dinamarqueses; 7) argentinos; 8) franceses; 9) suecos; 10) uruguaio; 11) alemães; 12) africanos.

Dão muita ternura: 1) o negro norte-americano; 2) iraquianos; 3) japoneses; 4) filipinos; 5) mexicanos; 6) chilenos; 7) brasileiros; 8) suíços; 9) venezuelanos; 10)

portugueses; 11) iugoslavos; 12) franceses; 13) alemães; 14) suecos; 15) porto-riquenhos; 16) africanos; 17) gregos; 18) italianos; 19) uruguaio.

Os que mais gastam com mulheres dentro e fora da zona: 1) iraquianos; 2) ingleses; 3) suíços; 4) alemães; 5) filipinos; 6) franceses; 7) gregos; 8) norte-americanos; 9) japoneses; 10) iugoslavos; 11) italianos.

Os que mais gastam em bebidas na zona: 1) gregos; 2) filipinos; 3) chineses; 4) coreanos; 5) norte-americanos; 6) alemães; 7) iraquianos; 8) venezuelanos.

Os mais econômicos: 1) paquistaneses; 2) indianos; 3) bangladenses; 4) brasileiros; 5) chilenos; 6) argentinos; 7) mexicanos.

E falando por classes sociais, os michês brasileiros normais: 1) classe C. 2) classe B. 3) classe A.

As aberrações sexuais realizadas por brasileiros no reduto do meretrício em alto índice são encabeçadas pela classe alta. Na maioria os autores são ainda rapazes, daí as prostitutas terem tanto medo dos boys.

Os michês mais altos são aqueles nos quais a prostituta mais se desgasta física e emocionalmente (salvo as exceções).

XIII

BET

Áspero e suave, grosseiro e fino, familiar e estranho, impuro e puro, encontro de loucos e prudentes, tudo isso sou e quero ser, simultaneamente pomba, serpente e porco (Nietzsche).

Cada vez que eu a via, ficava em silêncio a perguntar: Que pais adotariam aquela menina? Que tipo de carinho precisaria um homem usar a fim de prender aquela mulher?

Tão endiabrada quanto inocente e, às vezes, parecia até assombração. Fazendo se atrevida, fixava os olhos num homem ficando não por muito tempo a querê-lo.

Muitas vezes, sem que ela notasse, eu ouvia as suas idéias que para muitos que não a entendiam pareciam fantasiosas. As perguntas a seu respeito assaltavam me a mente: Que pais adotariam aquela menina? Que rumo tomaria algum dia aquela mulher?

Tão escondida como ouro em mina e tão inspirada quanto amor alegre ou sofrido! E ela continuava a sua caminhada certa de que já quase tudo sabia, debochando daqueles que a viam como nada. Qual poeta versaria o jeito daquela menina? Qual pintor captaria o seu ser? Afinal quem na verdade amaria mesmo aquela mulher?

E se ela soubesse disso tudo, talvez ficasse calada ou talvez me respondesse assim: Lerei na praia os versos do poeta, presentarei ao pintor com mil temas para que em sua tela livre ele me possa retratar; levarei os dois comigo a um lugar santo onde ouviremos o canto dos pássaros e darei ao povo um sorriso ao invés de ameaça.

Assim era Bet. Criatura estranha que se destacava tanto perante as outras meretrizes. Bet tinha um homem que a amava muito e, apesar de ajudá-la financeiramente, permitia que ela faturasse. Enquanto isso ficava a fazer planos quando juntos morassem numa casa própria.

E Bet às vezes me confundia quando eu acreditava nela dizendo me: “Tenho muita vontade de sair daqui, mas ainda assim me conformo, porque sinto que esse dia ainda não chegou!”

Ela era tão simples quanto teimosa, experiência vivida e frustração personificada, falava direito quando boa e corretamente quando embriagada.

Certa vez engravidou e ficou muito contente, até que a vi sangrando e com dores porque havia praticado o aborto. Naquele momento, ela chorou e disse-me que queria muito ter um filho, mas que não podia incluí-lo numa raça podre como a dela, pois tinha certeza de que o que para ele ou ela estava reservado era algo mais do que ela havia passado até então e, como não podia evitar que a criança sofresse, preferia sofrer perdendo-a.

Por mais que ela me contasse dos seus planos de sair dali, eu me sentia mais responsável pela causa que poria termo à prostituição. Vivia ali de uma maneira sofrida mas vivia. Lá fora não, seria difícil ela sozinha adaptar-se a uma vida tranqüila e, por isso, eu me calava, mas ficava lembrando que sozinha ia ser difícil, porém, com outras do mesmo nível, não!

O homem dela era desses tipos, amigo pra valer, mas de paciência limitada. Vezes por outra, batiam se horivelmente. E eu me perguntava onde iria parar o juízo daquela mulher doente, quando ele batia a cabeça dela na parede por tê-lo provocado.

Batiam-se, separavam-se dois ou três dias e era ele quem sempre voltava aos braços dela carregado de amor, para se envolver novamente na ternura de sua companhia.

Mas o que posso dizer de Bet? Quando lúcida era gente à beça ou translúcida aparência de ser? Bêbada, a ouvíamos filosofar, tentando consertar a loucura daquela vida.

Bet carente de afeto, amor, apoio e álcool e que não precisava mais estudar!

Bet já sabia muito e, no viver dos seus dias, havia se formado cedo, cedo demais.

Bet no cabaré da Floriano Peixoto quebrando as garrafas e caindo na frente da rapaziada do banco!

Bet calminha na Avenida Rio Branco, perfeitamente cônica da carga pesada do lugar!

Bet fazendo-se puta, os homens cantando, fodendo, fodendo-se, faturando e catando o auge da vida, o clímax do meio e o orgasmo do ato!

Bet chorando humanamente sensível como a vi, chorando o roubo da antiga foto do pai!

Bet fazendo-se engraçada em sua afirmação de teimosia personificada, dizendo: “Bebo porque gosto de beber!” Já bêbada de cair, dizia ainda: “Eu não tô bêbada não!”

Bet lesando os outros e por eles sendo lesada; já não molhando de lágrimas felizes o seu lindo lenço de organdi, oferecido por aquele homem autoritário que lhe ensinara a leiloar o corpo e emprestar a alma a quem lhe desse algo ou pagasse mais.

Bet começando um diário e só a mim mostrando os trechos dele!

Bet acordando risonha, mangando dela, da vida chata em si, de todos os homens que a conheceram, de você que não a conheceu e até de mim que escrevo agora sobre ela!

E Bet viva, sendo apenas mais um dos navegadores daquele Rio Branco poluído por mortais!

XIV

MARINHAS DE GUERRA: MARIAS EM FESTA

No esquisito saldo da vida, o ser é uma conta diversa dum terço por demais complexo pra se rezar, mas é também capital tão tremendo que poupança terrena alguma ousa juros nele creditar.

A euforia era enorme. Dir-se-ia que as três Marinhas de Guerra da “Unitas” tinham atracado no porto do Recife em louvor às mil Marias que lá se encontravam e que, há muito ansiosas, aguardavam aquela data!

Eram tantos os homens que aquela força tarefa trouxera que parecia terem sido, em plena zona da Rio Branco, derramados propositalmente em benefício das mulheres necessitadas de lá.

Os marinheiros venezuelanos eram bem mais tímidos do que os norte-americanos e brasileiros que nas mesmas águas tinham navegado!

Os dólares andavam de mão em mão. Durante aqueles três dias, só se viam as cobiçadas cédulas verdes. Ao contrário dos alemães, os norte-americanos eram exibicionistas de primeira classe.

Salvo poucas exceções, novos encontros tinham sido marcados por eles no próximo porto que seria o de Salvador.

Os presentes variavam desde cigarros, perfumes, talcos, shampoos, sabonetes e cordões de ouro. Mas sinceramente não me lembro de alguém ter presenteado uma mulher com uma flor.

Para Elaine, foi bom porque o acaso favoreceu a, dando lhe como mais alto michê norte-americano o médico de um dos navios da esquadra “Unitas”. Nessa época o filho menor dela estava com uma tosse que a tinha feito gastar todo o seu faturamento em medicamentos e o menino de modo nenhum obtivera resultado positivo, mas os remédios que para o garoto o médico norte-americano presenteara surtiram logo efeito.

E eles, os norte-americanos bagunçaram mesmo o coreto daqui em pleno dia, apalpando as moças que trabalhavam nos escritórios locais, confundindo-as com as meretrizes!

As discotecas, casas de drinques e boates, na certeza do faturamento, desde cedo abriram as portas e ligaram alto o som. O negócio foi tão sério, em matéria de bagunça, que o delegado em pessoa fechou tudo quanto foi casa de puta na Rio Branco à tarde daquele dia!

Eu também tinha encontro marcado com um deles em Salvador e posso afirmar que lá, apesar de serem aguardados, não foram pelas prostitutas tão bem recebidos como aqui.

Os baianos, queixosos, lamentavam: antigamente quando a Marinha norte-americana chegava aqui, os marujos procuravam logo trocar os dólares, agora não, fazem mais questão de saber onde podem encontrar “bocas”!

O próximo encontro deu-se no Rio de Janeiro, lugar onde eles demoraram mais e onde, ao gosto dos capitalistas, também gozaram mais.

Mas o interessante é que os americanos não gostaram de Salvador, acharam Recife bem melhor. Quando chegaram aos pés do Cristo Redentor, primeiro calaram-se. Mas em seguida, diante daquele cenário maravilhoso da natureza, exclamaram cheios de admiração: “Beautiful! Beautiful! Beautiful!”

XV

ANALISE DE LOCAIS

Em qualquer cidade que eu vá, o destino de ser escritora reserva-me sempre uma nova casa.

Em relação à zona do Rio de Janeiro e Salvador, encontrei mais agressividade feminina no Recife. Inclusive eu, tão pacífica como sou, tive também o meu rosto ameaçado.

O fator agressividade aqui existente é também devido à escassez de bons e seguros pagadores. Quando estes aparecem, já viu, as prostitutas tornam-se abutres!

Em Salvador, muito ao contrário daqui, os homens são quem insistem para que elas fiquem com eles e também os michês pagos lá mesmo por gregos são bem mais altos do que aqui.

No Rio de Janeiro é realmente uma caçada; não há tempo a perder! Mal um homem entra num daqueles cabarês da Praça Mauá a mulher que primeiro chegar perto, fica com ele e isto pode ser em qualquer uma das casas, tanto faz ser no “Flórida Bar”, “Cowboy”, ou outros tantos de lá.

Devo porém ainda referir o que me surpreendeu na zona do Rio de Janeiro. Logo ao perguntar a uma das mulheres onde conseguiu instalação sossegada, recebi como resposta algumas perguntas:

– Você veio de onde?

– Recife.

– Tem gigolô?

– Não.

– Tem cafetão?

– Não.

– E sapatão?

– Também não.

– Pois tenha cuidado, aqui tem muito isso, mulher que fizer amizade já sabe é pra isso, portanto, é bom evitar.

– Tá, ok., obrigada por me avisar.

– Você puxa fumo?

– Não.

– Então olha, estás vendo aquela placa ali, eu moro lá, você toma esse dinheiro que dá pra sua diária de hoje (me entregando Cr\$ 3.500,00) e_ à noite eu estou no Flórida.

– Está certo, mas como é o seu nome?

– Márcia. Ah, sim! Ia me esquecendo de dizer: toma cuidado com a polícia, pois policial só quer meter de graça, ele chama uma de nós e se a gente não aceita, mesmo que a gente não pegue fumo, daí a alguns instantes somos autuadas em flagrante com a peste da maconha no bolso, para logo ir passar a noite no xadrez. Portanto já tô te dizendo, quando um polícia se aproximar de você, tome cuidado com os bolsos da calça e vá se saindo.

– Tudo bem, mas tome o dinheiro que eu tenho aqui ainda:

– Nada disso, fique com ele que você pode precisar, e não tem pressa pra me devolver.

– Ok. Até a noite.

Como se vê, por incrível que pareça, existe entre as meretrizes alguns resquícios de lealdade!

A zona de Fortaleza eu não conheci, mas elas afirmam não ser boa devido ao alto índice de lésbicas.

A zona de São Paulo não é atração para nenhuma mulher daqui, pois a barra é “pesada”, sendo freqüentes os homicídios.

A maioria conhece a zona de Santos e diz ser a melhor para se ganhar dinheiro. No entanto, tem se de andar bem vestido e cuidar da aparência. Acrescente se também que a agressividade lá é bem maior do que aqui, no Recife.

Se não me refiro aos outros pontos de meretrício, devo isso à raridade de informações que de algumas recebi, pois quase todas são agressivas. E em diálogo nem é bom falar.

Talvez, quem sabe, algum pesquisador dê continuidade a este trabalho que empreendi depois de ver e experienciar na realidade brutal.

Pra completar essa pequena análise de locais, devo dizer que na zona também existe o “intercâmbio meretricial”, ou seja, enquanto as meretrizes de Maceió vêm para cá,

as daqui seguem para Salvador ou Santos na esperança de maiores lucros no comércio de sexo!

XVI

LADRÕES E OPINIÕES

O simples roubo não merece a forca, o mais horrível suplício não impedirá o que não dispõe de outro meio para não morrer de fome (Tomas Morus).

A maioria dos ladrões que atuam na zona é contra o assassinato pós-roubo! Quase todos os ladrões da Rio Branco me chamaram de índia, devido aos meus cabelos, e outros me chamavam de Mãezinha, pois muitas vezes eu era vista por eles quando me fazia acompanhar dos meus filhos, obviamente, do outro lado da ponte.

Hoje, um deles me contou uma história um tanto diferente quanto ao rumo de vida que leva.

– Sabe, índia, hoje não consegui comer nada, disse Alfredo.

– Por quê? Dinheiro faltando? perguntei.

– Antes fosse isso! Roubei um cara ontem à noite ali na ponte. Dei uma pesada tão forte nele que depois ouvi um estalo. Quando olhei pra trás, já com a carteira do homem no bolso, notei que a perna dele havia caído e aquilo foi demais para mim. Não agüentei ver o cara se esforçando pra botar a canela dele no lugar e voltei pra ajudar, mas o danado é que quando fui chegando perto dele, me lembrei que de canela doente não entendia nada quanto mais de canela de pau e aí foi que eu senti um negócio ruim cá dentro. Eu pensei, sou mais puto que as putas. Elas quando se deitam com um aleijado, ajudam o cara a tirar a roupa e tudo fazem pra não bater na canela do cara. Sou pior que todas porque roubei um aleijado que nem pode se defender! Juro a você, índia, eu tava me sentindo puto mesmo, e para aliviar, resolvi entregar a carteira ao cara.

– E ao entregar a carteira, ele ficou muito agradecido, não?

– Que nada! o sujeito além de aleijado era daqueles que tudo passa na cara.

– Como assim?

– Escuta mesmo, índia, o que foi que o cara disse, quando pegou a carteira de volta, depois de eu ter pedido um monte de desculpas a ele.

- Pôxa, Alfredo, então o negócio foi mesmo sério!
 - Eu tô te falando que você nem imagina como eu fiquei arrasado: fui roubar um cara e saí por ele roubado!
 - Você saiu roubado, que história é essa?!
 - Ele olhou pra mim, índia, bem na minha cara como se quisesse me gravar na mente pra depois me apontar aos “honre” e falou: “Mas rapaz, você não tem vergonha de roubar um aleijado!” Saí correndo dali e deixei o cara sozinho sem saber o que fizesse primeiro, se guardava a carteira no bolso ou consertava a canela. Mas quando fui comer hoje, parecia que eu tava vendo o mocotó do cara de um lado, a canela de pau no outro e a carteira dele no meu bolso e ainda por cima ele me dizendo: “Não tem vergonha de roubar um aleijado?”
 - Agora eu entendo por que você disse que saiu roubado.
 - É isso aí, minha irmãzinha: fui roubar a carteira do cara, me arrependi assim que roubei e quando entreguei, ele ataca o sentimento do malandro que carrego aqui dentro.
- Quase a metade dos ladrões daqui da zona prefere agora roubos pequenos, dos quais possam logo escapulir. O motivo disso é que alegam estar cansados de apanhar cinco vezes por dia na delegacia e de também lá serem penetrados analmente por companheiros que levam chicotadas para assim procederem.
- Enquanto isso, calculadamente 20% das prostitutas daqui já mataram alguém. Hoje mesmo, enquanto eu jantava no “Barão”, frente a minha mesa sentaram-se três que já tinham assassinado alguém, mas uma delas levava vantagem criminosa porque aqui na avenida já matou três.
- Caso comum aqui é alguém que esteja irado pagar ao sujeito para dar uma surra, quebrar o braço, a perna e até mesmo matar o que for apontado.
- Pra tudo isso tem uma tabela de preço à escolha. Qual o braço que você quer que eu quebre? Qual a perna que deve ficar quebrada. De que quer a surra? Galhos de urtiga, rabo de arraia ou de raposa?
- E por aí se tira que a zona é que nem o sertão bravo, tem coronéis pra mandar e pagar, e jagunços pra matar ou aleijar!

XVII

A CRISE ECONÔMICA NA ZONA

Como pregar o sermão da montanha aos pobres esfomeados e desiludidos? (Morris West).

Precisamente 13 é o número dos dias que completa hoje a crise econômica da zona. Quem não gosta de se deitar com brasileiro tem como único remédio para o seu mal aproximar-se dele, pedir lhe um cigarro, um copo de cerveja e às vezes até alimentação.

Os ladrões também estão queixosos, pois nem carteira de gringo os seus olhos alcançaram mais. Para completar a calamidade, a cerveja hoje subiu 10% no preço, isto quer dizer que também no bar São Francisco o movimento fracassou!

Os motoristas de táxi deram mais tempo aos seus cochilos noturnos por não terem sequer um casal para levar.

Algumas mulheres se contentam em amarem outras. Isto não se deve só ao receio que sentem de correr o risco de mais uma dispendiosa gravidez!

No Órion, Chanel e Black-tie, os garçons estão sentados. Em Adilias, as mulheres conversam entre si. Das bocas dos que estão no bar São Francisco a palavra que sai é uma só: “merda!”

Na “casa de Atenas”, os pratos pararam no lugar, pois também não há gregos para quebrar louça em meio à dança.

Se continuar assim por mais 10 dias, a zona vai mesmo à falência e as prostitutas lisas, sem dúvida alguma, serão levadas à demência.

As partes de galinha assada e de churrascos que o menino vende junto ao São Francisco ficaram estragadas, o prejuízo é grande. Nem o pipoqueiro consegue vender nada!

Chega um táxi e dele descem três chineses. As mulheres se aproximam deles, com toda educação. Daí a pouco, só se vê balbúrdia e estilhaços de copos e garrafas quebradas.

Entre as mesas viradas algumas mulheres caídas que apanharam, e outras ensangüentadas...!

Eis a briga pela posse dos homens, pela ventura do seguro faturamento final. Isto é apenas uma pequena amostra do que existe aqui na realidade!

E é nessa época de crise que os heróis do amendoim sentem quão irrisório se tornou o seu ganho. Nas suas inocentes consciências fica o pesadelo: como continuar a arcar com a responsabilidade que eles há muito têm?

XVIII

O DESEMBARCADO

Se andanças vestissem o desembarcado, ele continuaria despojado de cetim, renda ou veludo, até que em meu país parasse e de vez ficasse a sorver a essência de tudo.

Por ter ficado desembarcado, a primeira providência que o sujeito toma é ir à Cia. do seu navio. A Cia. informa lhe com precisão a data em que o navio chegará noutro país e a única coisa que pode fornecer lhe é a passagem com data marcada. Isto quer dizer que até o embarque, ele terá que se virar por aqui. Diante desta situação, ele segue uma estratégia só sua em busca da mina. A mina é a prostituta que tudo possa lhe garantir.

Um tanto dramática é a situação do desembarcado, pois enquanto ele não empreende a conquista, passa dias de fome e noites dormidas sobre calçadas.

As prostitutas mais espertas evitam no, para não se tornarem vítimas da sua tática. A fim de conseguir o seu intento, ele usa o seguinte processo:

- 1) Observa as mulheres, catando aquelas que não tenham homem nem gigolô.
- 2) Ao encontrar uma mulher livre de tais compromissos, porém disposta a gastar, ele aproxima se, convida a para beber e fazendo na mesa uma despesa mínima, paga a conta com alguns trocados que lhe restam na carteira, mas em momento algum desse encontro ele diz que está desembarcado.
- 3) Usa de argumentos amorosos para com a mulher, faz tudo para agradá-la, até que a mesma concorde em dormir com ele.
- 4) Ao amanhecer, no quarto, ele alega que o seu pagamento de trabalho no navio ainda não saiu, e, em meio a carícias, promete à mulher que haverá de encontrá-la à noite e tudo ficará melhor entre os dois.
- 5) Faz questão de provar que não é ciumento, inclusive, pede-lhe que de maneira alguma deixe de faturar com outros enquanto o espera.

6) Ao amanhecer do segundo dia com a mulher, ele diz que esqueceu a carteira no navio.

7) No terceiro dia, ele estabelece um cerco de carinhos e lamentos, contando que está desembarcado, não conhece ninguém que possa ajudá-lo, a não ser ela, e que todos os seus pertences seguiram no navio.

8) Promete que se ela lhe der roupa, alimentação e moradia, pertencerá somente a ela, até o dia da sua partida e não permitirá sequer bate papo com outras mulheres.

Só depois de estabelecido o pacto entre os dois, ele pára nos arredores para conversar com amigos que se encontram na mesma situação.

O relacionamento do desembarcado com a prostituta que o acolhe torna se tão sólido que quando o mesmo consegue embarcar, ela lhe presenteia dinheiro na esperança de receber cartas suas.

A medida que as cartas chegam, a choradeira dele vai aumentando nas entrelinhas, e é aí então que ele aplica o “golpe da fronteira” pedindo a ela que lhe envie dinheiro para poder voltar aos seus braços, pois está ganhando pouco e não agüenta mais a saudade. A partir deste pedido, já caída de amores pelo indivíduo, a prostituta passa a ter mais uma preocupação com o seu faturamento, isto é, trocar os cruzeiros por dólares, enviá-los com urgência para o sujeito, até cansar-se de esperar a sua volta.

Diante disso tudo, não podemos estranhar por que todo desembarcado faz questão de mencionar: “As melhores putas do mundo são as brasileiras”.

XIX

O CASO DOS CIGARROS RUSSOS

Fora da luta não há descanso merecido, não existe despertar (Alberto Cunha Melo).

Os russos chegaram, mas não saíram do navio, tampouco lá alguém entrou. Soube que eles estavam distribuindo cigarros, jogando as carteiras às mulheres que lá iam.

Uma delas me perguntou se eu queria ir com ela. Sem pestanejar, aceitei o convite e fui. O horário era entre duas e três

da madrugada. Mas, chegando lá, vi como era feita a distribuição dos cigarros.

As mulheres desciam os beirais do cais e lá faziam strip-tease, completo ou não. Terminado o ato, os cigarros eram lançados a elas. Mas cismaram comigo, que um tanto isolada a tudo assistia, e pediram que fizesse o mesmo.

Aquela altura, não adiantava dizer que nunca fizera strip-tease, ademais na beira do cais. Elas insistiam e apontavam para os russos que também pra mim acenavam.

Sinceramente, não pensava nos cigarros, pois em casa eu ainda tinha um certo estoque de cigarros estrangeiros que ganhara, sem ter sido necessário fazer strip-tease, mas eu pensava na necessidade de continuar benquista com elas em função do meu trabalho que ainda estava por terminar.

Creio que devo ter ficado corada pela primeira vez em minha vida, pois senti as faces arderem quando comecei a tirar as roupas e me espantei, quando diante das 12 carteiras de cigarros que os russos tinham jogado para mim, um curioso aproximou-se tentando pegar uma das carteiras. Gritaram logo as mulheres e os russos para o tal homem. E aí uma delas se aproximou acompanhada das outras e avançaram para o homem dizendo: “Não pega em nada daí! Quem tirou as roupas foi ela, o cigarro é todinho dela, e aí de você se roubar uma dessas carteiras!”

O fato mais espantoso deu-se comigo quando cheguei em casa. Os cigarros russos, apesar de variados, eram mesmo os piores que em minha vida de fumante já experimentei.

Se algum dia você for à Rússia, faça nos um favor, leve como souvenir nosso um pacote de Hollywood ou até mesmo Continental, para que eles saibam o que é cigarro.

XX

O ALEMÃO HEINZ

Às vezes se faz tão horrendo quanto fabuloso o momento da criatividade em mim acumulada, em expansão, sobrecarregando me e alimentando-me.

A sirena do Órion toca, anunciando a sua abertura. São 21 horas. O toque da sirena parece me o apito da fábrica, a chamar as operárias do sexo comercializado, indicando lhes que o expediente já começou. Mas se aqui soar o toque da Alvorada, duvido que alguém consiga despertar!

Há uma porção de chilenos desembarcados e, como algumas mulheres sabem que eles estão de bolsos lisos, não se aproximam deles.

Os chineses foram embora ontem. Os verdadeiros homens aqui nunca pisaram ou daqui se foram também.

Em mim algo ainda permanece, essa desgraça ou ventura, nem sei, de continuar a escrever. Às vezes tenho vontade de conseguir um molotov e fazê-lo explodir aqui a fim de limpar essa área da minha cidade, porém, lembro me de que a violência jamais será a solução.

A sujeira está entranhada não só nas ruas, como também nas almas das pessoas que por aqui passam. Tenho a sensação, às vezes, de estar agindo como uma ladra, roubando de certa forma o lugar de alguém aqui!

Conheci ontem um homem egoísta e presunçoso, o alemão Heinz. Seria aquela criatura a peça indispensável ao tabuleiro do xadrez econômico do seu país!

Usava ele, sempre em suas conversações, a palavra “princípio”. Fazia mesmo questão de frisá-la onde quer que estivesse. No entanto, o seu princípio básico era unicamente o dinheiro, a mola necessária de qualquer economia.

O expert das leis da oferta e da procura gabava-se de ter estudado durante dez anos a ciência da economia e agora mais que antes sentia se apto a aplicar tudo o que aprendera num país subdesenvolvido como é o nosso.

Enaltecia a Alemanha e afirmava que se o Brasil tivesse tido a sorte de ser colonizado pelos germânicos, ao invés dos portugueses, a coisa para nós não estaria tão preta como ainda está sendo!

Interrompi a sua fala e, desapontando o amigo que nos ouvia, disse-lhe:

– Meu caro Heinz, você que aplica tão bem as leis da economia deveria também, penso eu, aplicá-las a seu próprio país e sua história evitando emitir opiniões, um tanto precipitadas.

– Como assim?

– Ora, meu querido, pense bem. Se o seu país fosse tão bom, não estaria dividido em dois!

Ele me olhou com desprezo e apenas retrucou:

– Não adianta lembrar isso, pois é coisa do passado!

– E dessa forma o passado de vocês encarapuça muito bem o presente, com a permanência do muro da vergonha. Do outro lado estocam-se armas nucleares em função de uma guerra próxima!

Pobre Heinz!

XXI

PERCENTUAIS

A minha meta talvez seja esta: acreditar, mas acreditar somente no que meus olhos vêem e a boca silencia até o momento de tudo poder contar do que a memória guardou.

Se em termos de percentuais eu fosse contar, diria que 40% das prostitutas, refiro-me à zona da Rio Branco, cuidam de sua saúde por conta própria. Já em cabarés espalhados pelo centro da cidade, a maioria só se cuida quando se sentem já ameaçadas.

A maioria é adepta de Umbanda, e alguns dos rituais relacionados a despachos de macumba são praticados no reduto do meretrício. As outras apenas acreditam em Deus; embora não sejam praticantes, no entanto, dizem-se católicas romanas.

Uma minoria tem gigolô e outra tem “homem”. É comum se ouvir na zona a expressão “meu homem”. É aquele que ajuda a mulher financeiramente, lhe permite o faturamento com outros, sexual e ternamente só ele tem a posse dela!

50% têm responsabilidades como família ou filhos para sustentar.

90% usam maquiagem e, em matéria de vestuário, as calças compridas ainda são por elas preferidas!

40% fazem questão de só faturar se for ali mesmo, devido ao medo que sentem dos casos acontecidos em apartamentos ou a caminho deles.

50% não fazem questão de acompanhar os homens a motéis e 10% vão para qualquer lugar.

50% são viciadas em tóxicos, 30% já experimentaram maconha, mas o vício mesmo não adotaram e 20% não se interessam por fumo, droga ou qualquer tipo de tóxico.

10% são alcoólatras.

Quanto aos homens, os motivos que os trazem aqui são diversos: beber, observar e conhecer. Muitos fogem da rotina sexual. São os bem casados, mas que se dizem por demais cansados da posição “papai e mamãe” mantida em relações sexuais com as suas esposas.

Em muitos desses casos, eles adoram a esposa que os faz sentir esse problema. Para evitar contendas no lar, preferem escapar para a zona.

E quanto às esposas, em virtude da educação religiosa recebida, privam o marido e ao mesmo tempo são tolhidas de pisar os terrenos dos verdadeiros prazeres sexuais. Dessa forma lamentavelmente julgo que a dona de casa também contribui para a prostituição!

Os rapazes que desconhecem os prazeres do sexo a dois, quando aqui chegam guiados por amigos, parentes ou até mesmo sozinhos, são tão ridicularizados quanto elas aduladas por eles. Se os pais presenciassem tal fato, aí sim, haveriam de reconhecer quão necessária é a educação sexual, cuja responsabilidade cabe totalmente a eles próprios.

XXII

PREVIDÊNCIA ORGANIZADA

Na geografia do meu coração, guardo um país que pouca gente nota e um mapa de sonhos tatuado a giz nas asas da gaivota (Jaci Bezerra).

Tornar mais prósperas as condições de trabalho feminino na zona rural é um dos passos que ao meu ver o Serviço Social Brasileiro deve dar, porque acontece o seguinte: a mulher no campo passa fome, sede e até nua se sente. Vem à cidade grande à procura de emprego, julgando encontrar aí melhores salários para sobreviver.

Mas o mercado de trabalho bate lhe a porta na cara, através da burocracia e de algo chamado experiência que lhe falta. Continua procurando em vão emprego até que se sente cansada e o dinheiro que trouxe do interior acaba. As portas dos cabarés estão sempre abertas. Ela entra numa daquelas casas de faturamento da Rio Branco, onde lhe matam a sede com água, refrigerante e doses. Mais tarde, quando dá uma hora da manhã, matam lhe a fome também com um prato de macarronada, queijo, dois ovos, inhame com guisado ou ainda

um ou dois pratos de sopa (dependendo da fome) com pão. Sem dúvida, ela se ilude sem saber que o necessário à prevenção de sua saúde, algo como cremes vaginais, líquidos antissépticos e vitaminas ninguém lhe dá. Em consequência logo há de se contaminar.

E assim, iludida na zona, ela permanece até que a própria vida da zona a enfraquece!

Já ouvi muitas vezes dizer que a prostituição nunca vai

acabar! Mas não me lembro de tentativas feitas para extirpar esse tumor social!

E por que não descobrir através de pesquisas comprovadas as aptidões das mulheres da zona e, diante dessas aptidões, abrir, mas abrir mesmo, as portas do mercado de trabalho, dando lhes emprego?

E para aquelas que não têm necessidades financeiras e aqui vêm todas as noites, por que os grupos de psiquiatras e psicólogos de todo o Estado não aplicam tratamento gratuito?

Essas mulheres aparentam saúde, mas na verdade são doentes psíquicas.

Ora, se para esses “doutores da mente” é tão fácil aplicar ou recomendar tratamento de eletro-choque, por que é difícil aplicar um tratamento de amor onde apenas se dá ternura?

Se para esse pessoal é fácil mandar o IBOPE colher dados à porta das casas da cidade grande, a fim de saber e divulgar que canal da televisão é preferido, em que candidato a maioria vai votar, que melhorias o prefeito realizou, se é fácil programar e ver realizadas pesquisas de tal quilate que visam a informar o povo, sem benefício algum para esse povo, por que não se fazem pesquisas que informem sobre os heróis do amendoim, que não só trabalham na zona, mas em todos os cantos dessa “Veneza”, que tem o nome bonito de “Brasileira”?

Garanto que o povo, apesar de tímido, é inteligente (afinal vale salientar que muito antes dos norte-americanos lançarem o Skylab, o brasileiro inventou o avião!). Esse povo pode ajudar o Juizado de Menores a encontrar a solução que ainda não encontrou, para que os heróis do amendoim estejam à noite dormindo aquecidos pelo carinho dos pais ou das pessoas, que em nome dos menores ocupam cargos públicos.

Os heróis do amendoim, na maioria, estudam e as suas ambições de descanso variam desde uma carroça de pipocas a um tabuleiro de confeitos que ofereça maior certeza de lucro. Aí estão por necessidade de sobrevivência ou para atender aos desejos de suas abomináveis famílias!

Os menores trabalhadores necessitam de apoio das autoridades competentes! Por que não criar um órgão de orientação e assistência aos menores trabalhadores? Creio que vale até lembrar que o desamor não é o único responsável pelo crime do solitário!

O desamor vai tomando conta de tudo e fazendo os sérios perder tempo, sim, porque é perder tempo colocar policiais nas portas de escola, para impedir nelas a entrada de tóxicos. Afinal de que adianta tentar vigilância, se em casa o relacionamento dos pais é de constante agressão?

As autoridades talvez não saibam que os principais traficantes de tóxicos são figuras bastante respeitadas, às vezes detentoras de cargos públicos.

As campanhas devem ser feitas conscientizando os pais de que o tóxico é uma fuga e é isso o que os jovens estão fazendo, tentando fugir de uma realidade, porque muitas vezes é o desamor dos pais que os expulsa da própria comunidade!

Mas a pouca vergonha e a ociosidade dominam o Brasil, que continua “deitado eternamente em berço esplêndido”. Não é de espantar. Afinal, parece que só nós brasileiros temos o péssimo defeito da acomodação e isso acontece não só quando sabemos que, com a imensa extensão territorial que temos, ao invés de plantar, preferimos importar trigo da Bélgica, país bem menor que o nosso!

Os jornais estampam em quanto está orçada a nossa dívida externa. A nossa riqueza florestal Amazônica enquadra-se no mesmo caso do ouro de Irecê e Serra Pelada que virou piada nacional!

As providências tomadas de maneira errada afrontam a natureza e o projeto Suape faz com que ela se sinta violentada!

E as terras do nosso país? Os indígenas que falem melhor delas. Aos turistas espantados com a mendicância aqui existente pedimos desculpas.

Por que não criar uma Previdência Organizada que nos seus estatutos tragam os seguintes itens:

1) Mediar os mendigos doentes que ainda têm chance de viver, a fim de, quando sãos, aproveitá-los!

2) Internar e tratar aqueles que estão próximos do fim, a fim de melhorar a paisagem brasileira.

3) Aos doentes recuperados pela Previdência Organizada, dar-lhes treinamento agrícola, depois entregar-lhes terras férteis,

ferramentas, sementes e adubo e deixá-los plantar tudo o que ainda em nossa terra possa germinar. Que esses trabalhadores recebam alimentação, vestuário, educação e assistência médica, além de um salário mínimo que cubra suas necessidades de seres sociais. Isto será feito para reduzir a nossa importação no setor agrícola.

Mas diziam os nossos bisavós que o pior cego é aquele que não quer ver. E é mesmo, pois o dinheiro que a Previdência Social desconta do trabalhador para pagar aposentadoria de inúmeras pessoas que nunca trabalharam mas tiveram suas carteiras profissionais assinadas legalmente e de acordo com os requisitos burocráticos da Previdência é um dinheiro mal administrado, roubado.

XXIII

PARA NÃO PENSAREM QUE FOI SOMENTE ISSO

Se um escritor sabe o bastante sobre aquilo que está escrevendo, pode omitir coisas, e o leitor, caso o escritor tenha escrito com suficientemente verdade, sentirá essas coisas como se elas tivessem sido postas no papel (Hemingway).

O bordel de Teresa Rocha, por ser o mais próximo da minha casa, permitia-me travar outros contatos, quando as noites chuvosas me impediam de ir até a Avenida Rio Branco.

Mas as minhas paradas nos cabarés do centro foram tão poucas que a minha presença não chamou a atenção.

Enquanto na Avenida eu não tinha amizade com as “colegas”, nas casa de Teresa eu não só analisava tudo o que me rodeava, mas também conversava amigavelmente, bebia com todas e escrevia carta para os “machos” quando algumas me pediam. Ao som de Zé Ramalho, Brevenido Granda e de outros, compunha poemas à meia luz, no sofá do salão. No outro dia datilografava os à tarde, no salão contíguo, que era justamente o das mesas.

Das Teresas que lá havia, uma delas não acreditou que na zona do Rio de Janeiro a barra fosse pesada. Tirou o dinheiro que tinha na caderneta de poupança, comprou passagem pra ela e o amante, e se mandaram. Gastou tudo lá e voltou sem um centavo. Como era a mulher que mais faturava na casa de Teresa Rocha, no mesmo quarto de antes tornou a deitar-se com homens. Mas o faturamento dela hoje foi bem diferente dos primeiros que havia feito há muito tempo lá. Enquanto sob o chuveiro ela retirava de si o esperma do cliente, maliciosamente ele a roubava, levando a sua calça comprida, blusa colante e todo o dinheiro que até aquela hora ela com outros ganhara e num dos bolsos da calça se encontrava. Só sei que do rosto daquele corpo alto de morena bonita as lágrimas rolaram às portas do cabaré, enquanto as outras a ridicularizavam. A acomodação do meretrício em que vivia começou a apunhalá-la.

É lógico que, durante esse meu tempo de meretrício opcional, não houve apenas carretéis fáceis de se enrolar, isto é, os homens bons pra faturar.

Todavia, se neste livro não conto episódios de violências contra meu corpo, em partes que jamais pensei que humano algum buscaria prazer com tanta voracidade, é porque amo aquilo que se chama “privacidade”. Felizmente a minha ainda só a mim pertence. E as coisas ruins é bom esquecer.

XXIV

ÚLTIMO MERGULHO NA RIO BRANCO

Construamos uma ponte que atravesse o pântano da nossa vida infecta e nos conduza ao reino futuro da bondade sincera, eis a nossa tarefa, companheiros! (Gorki).

Na Avenida Rio Branco, era de madrugada quando ele chegou com um amigo. Aquele homem, de certa forma, me atraiu. E não foi difícil dele me aproximar. Perguntou-me se o acompanharia à cerveja. Respondi-lhe que sim, e daí a instantes começamos a dialogar.

Apesar de ser ele um sujeito maduro em relação à idade, confesso que foi a sua intelectualidade que deveras no início de tudo me atraiu.

Conversamos apenas o suficiente e assim demos ênfase à nossa aceitação, complementando a mais tarde com a nudez e proximidade aconchegante dos nossos corpos. Nossas almas já se haviam despido no salão.

No quarto, às vésperas da sua saída, ele me disse em latim a expressão usual dos homens que lidam com as leis: “Alea jacta est”.

Refleti bem no que ele dissera e concordei, pois realmente a sorte está-lançada a cada momento em que a verdade tem de aparecer.

A cada volta dada pela chave na fechadura de um quarto de bordel, muito embora o gosto dos beijos dados lá dentro nem sempre trazem à lembrança favos de mel!

A sorte está-lançada.

A cada minuto ou segundo em que os olhares se encontram e antagonicamente permutam entre si desejo, ódio ou atenção!

A cada mês, semana ou quinzena em que o pagamento entra no bolso do indivíduo que não sabe usar o dinheiro!

O primeiro tapa do dia no rosto de uma delas, aqui no São Francisco, acaba de ser dado!

A prostituta mais nova tem 14 anos de idade. Na zona do Pina a novata conta somente 11 anos. Os livros afirmam que a prostituição é a profissão mais antiga da humanidade!

As donas de cabaré são exemplos vivos de autoritarismo ditatorial!

A aquisição de gonococo tornou-se fato comum na zona e o importante é ainda saber tratar!

A voz do coração, esta sim, deve ser ouvida haja ou não muitas estrelas no céu.

Tânia Lúcia olha o seu relógio e, com um sorriso triste, lembra-me a hora perguntando me se hoje não vou trabalhar. Respondo lhe que não, pois o trabalho às noites já terminei. Afinal o que eu tinha pra fazer na Avenida Rio Branco já fiz. Espero que o resultado não tenha sido somente essas páginas escritas que os seus olhos acabam de percorrer.

De minha parte, finalmente o recesso que tanto almejei aproxima se. Deveria estar contente, mas o sério de toda conscientização me alerta continuamente. Esse recesso de que falo não me traz a paz que esperava nele encontrar; ao contrário, fica a ironizar até no teclado da máquina que, sob o comando do meu cérebro, lentamente permite que numa folha de papel em branco alguma estrofe possa ainda cair!

Já não faço versos...! Talvez a verdade seja bem diferente, nunca os fiz. Resta me o consolo de saber que essa mulher a quem amo chamada Poesia, em algum lugar, neste momento, continua a ser cantada.

